

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

CARLOS ALBERTO NUNES JÚNIOR

**A RELIGIÃO COMO ALIENAÇÃO E IDEOLOGIA NO JOVEM MARX:
UM ESTUDO SOBRE OS MANUSCRITOS ECONÔMICO-
FILOSÓFICOS DE 1844 E A IDEOLOGIA ALEMÃ DE 1846**

SÃO CRISTÓVÃO

2021

CARLOS ALBERTO NUNES JÚNIOR

**A RELIGIÃO COMO ALIENAÇÃO E IDEOLOGIA NO JOVEM MARX: UM
ESTUDO SOBRE OS MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE 1844 E A
IDEOLOGIA ALEMÃ DE 1846**

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau
de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Conhecimento e linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva.

SÃO CRISTÓVÃO

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Carlos Alberto e Maria Carmelita, não somente por serem um porto seguro de cuidado e atenção, mas também pelo constante incentivo e apoio aos estudos.

Agradeço à minha companheira, Eliane Silva, pelo acompanhamento em todo esse desafiador processo e pelo exemplo de dedicação, o seu amor fortalece a minha jornada.

Agradeço ao meu orientador, Romero Venâncio, pelo exemplo de professor que é e por todo conhecimento compartilhado ao longo desses anos.

Agradeço aos amigos que a UFS me deu, Aldiones, Adriano, Adriel, Deivid, Emmerson, Renata, desde a graduação, foram vários os momentos de aprendizado e auxílio.

Agradeço ao Benedito à Bartira, pelos grupos de estudos que construímos e pela amizade partilhada. Bené, gratidão por ter me apresentado a importância d'*A Ideologia Alemã*.

Agradeço aos companheiros e companheiras de militância na Pastoral da Juventude, CEBS e CEBI, com vocês eu aprendi que é preciso estudar para mudar o mundo.

Agradeço à banca de qualificação e de defesa, pela disponibilidade e colaboração para melhoria dessa dissertação.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFS, em especial ao professor Marcos Balieiro, por todo suporte disponibilizado.

Agradeço aos amigos e amigas Davi, Felipe, Irene, Klécio, Narcizo e Silvia por toda ajuda dada e todo cuidado ao longo desse tempo.

Agradeço aos meus amigos, André, Daniel, Igor, João e Márcio, são anos de parceria, rodamos o mundo, mas seguimos sempre juntos.

Agradeço aos amigos Lázaro, Henrique e Felipe pelo conhecimento e amizade que partilhamos desde os tempos de escola.

*Todos os dias nascem deuses
Alguns maiores e outros menores do que você
Esse é o alvorecer de tudo que se quer ver
Sem fazer sombra na melhor hora do sol
Eternidade duradoura com sossego então
Melhor que fique assim
Todos os dias nascem deuses
Alguns maiores e outros menores do que
(Nação Zumbi)*

*Outro caminho possível é negar a experiência religiosa.
Rebelar-se contra essa imagem de Deus-ídolo, deus que exige
sacrifícios humanos. Negar aqui significa afirmar a humanidade, o
valor da vida humana. Infelizmente, muitas vezes, como essa imagem
de deus é considerada como a única imagem de Deus, muitos negam a
Deus para poderem afirmar a dignidade humana. Esse tipo de
ateísmo é o primeiro passo para conhecer a verdadeira experiência
de Deus.
(Jung Mo Sung)*

RESUMO

A temática em torno da qual se situa esta pesquisa é a investigação sobre a crítica à religião que Karl Marx redige nas obras *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) e *A Ideologia Alemã* (1845-1846), esta última em parceria com Friedrich Engels. Entendemos aqui que não há uma sistematização da sua crítica, mas isso não inviabilizou um deliberado exame acerca do que é a religião e qual a sua função na sociedade. Para alcançar o objetivo é necessário, primeiramente, analisar a crítica à religião desenvolvida por Ludwig Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* (1841). A análise feuerbachiana sobre a religião expõe a alienação religiosa do humano que não consegue se identificar com a sua própria essência e a projeta em uma ilusão que será denominada como Deus, de modo que seria preciso superar a religião, por meio do ateísmo, para encerrar a alienação, pois o humano voltaria a se encontrar com a sua essência genérica sem recorrer a um intermediário fictício. O exame feuerbachiano gera um forte impacto em Marx e Engels e não há como compreender a avaliação que estes fizeram sobre a religião sem dirigir-se em algum momento à Feuerbach, inclusive pela confissão de Engels que anos depois declara que ambos, ele e Marx, foram momentaneamente feuerbachianos. Em um segundo momento é preciso compreender o conceito de alienação em Marx, identificando quais seriam as aproximações e afastamentos entre o uso marxiano e o feuerbachiano para o conceito de alienação, pois em Marx a alienação religiosa é um sintoma da alienação do trabalho. Deste modo, não haveria como superar o estranhamento causado pela religião sem superar a forma anterior de alienação, ou seja, em Marx a alienação religiosa não poderia ser superar mediante uma mudança individual de conduta, ao mesmo tempo que Marx é influenciado pelo humanismo feuerbachiano, a ideia que o humano se perdeu de si mesmo e precisa se reencontrar com sua essência. Por fim, entender como Marx e Engels analisam o conceito de ideologia e a sua respectiva relação com a religião, pois a ideologia seria uma representação ideal das explorações materiais, uma forma da classe dominante conseguir perpetuar a sua dominação. Assim, é preciso compreender qual a origem da ideologia e quais as suas incidências na consciência. Após esses três momentos teremos concluído o rastreamento e análise da crítica à religião no jovem Marx.

Palavras-chave: Alienação. Crítica. Feuerbach. Ideologia. Marx.

ABSTRACT

The theme around which this research is focused is the investigation of the criticism of religion that Karl Marx writes in his books *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844* and *The German Ideology* (1845-1846), the latter in partnership with Friedrich Engels. We understand here that there is no systematization of his criticism, but that did not preclude a deliberate examination of what religion is and what its role in society is. To achieve the objective, it is necessary, first, to analyze the criticism of religion developed by Ludwig Feuerbach in *The Essence of Christianity* (1841). Feuerbach's analysis of religion exposes the religious alienation of the human who cannot identify with his own essence and projects it into an illusion that will be called God, so that it would be necessary to overcome religion, through atheism, to end alienation, since the human would return to meet its generic essence without resorting to a fictitious intermediary. The Feuerbachian examination has a strong impact on Marx and Engels and there is no way to understand their assessment of religion without ever addressing Feuerbach, including the confession by Engels who years later declares that both he and Marx, they were momentarily Feuerbachian. In a second step, it is necessary to understand the concept of alienation in Marx, identifying what would be the approximations and distances between the Marxian and Feuerbachian usage for the concept of alienation, because in Marx religious alienation is a symptom of the alienation of work. Thus, there would be no way to overcome the strangeness caused by religion without overcoming the previous form of alienation, that is, in Marx, religious alienation could not be overcome through an individual change of conduct. At the same time that Marx is influenced by Feuerbachian humanism, the idea that the human has lost himself and needs to rediscover his essence. Finally, to understand how Marx and Engels analyze the concept of ideology and its respective relationship with religion, since ideology would be an ideal representation of material explorations, a way for the ruling class to perpetuate its domination. Thus, it is necessary to understand the origin of the ideology and its impact on consciousness. After these three moments, we will have finished tracking and analyzing criticism of religion in young Marx.

Keywords: Alienation. Critique. Feuerbach. Ideology. Marx.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O ANTROPOTEÍSMO FEUERBACHIANO.....	13
2.1 A INFLUÊNCIA FEUERBACHIANA.....	43
3 MARX: DO ATEÍSMO ABSTRATO À ECONOMIA POLÍTICA.....	46
4 IDEOLOGIA: MECANISMO DE CONTROLE DAS CONSCIÊNCIAS	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

A humanidade é marcada por várias qualidades, virtudes e habilidades, o que pode ser verificado ao longo da história. Sendo possível analisar cada uma dessas características de forma específica, nesta pesquisa analisaremos o aspecto religioso, por ser também ser uma das especificidades humanas. Segundo Draiton Gonzaga de Souza:

o ser humano é um ser pluridimensionado e de inesgotável riqueza. O homem conhece (homo sapiens), brinca (homo ludens), fala (homo loquens), trabalha (homo faber), quer (homo volens) etc... Ao longo da plurissecular história da filosofia, analisa-se também o homem na sua dimensão religiosa, isto é, na sua relação com um ser absoluto. (SOUZA, 1993, p. 11).

De modo inegável, há uma íntima relação entre seres humanos e diversas manifestações religiosas, pois podemos verificar nas variadas formas de cultos e ritos, ou ainda na grande quantidade de templos religiosos, comprovando assim, segundo Souza (1993, p. 11), a existência do fenômeno religioso. Mas as diversas religiões diferem somente de modo superficial, tendo um núcleo comum. Dito de outro modo, as religiões têm suas distinções somente no campo da aparência, mas essencialmente são similares, possuem uma mesma base ou sentido. Cada religião tem seus dogmas e seus deuses, conseqüentemente possuem as mais variadas formas de cultos, ritos e celebrações; se assemelhando enquanto busca de respostas transcendentais (nos deuses) e no fato de canalizar os sentimentos religiosos dos que acreditam em uma mesma direção.

A religião é a autoimposição humana da sua marginalização, o ser humano nela inserido se sente inferiorizado diante dos objetos de culto, objetos esses que se tornaram o que são por uma prática humana, por uma projeção humana. Os elementos de culto no interior do fenômeno religioso não são nada além do que as pessoas fizeram deles. Se há algum ânimo, vitalidade ou autonomia presente nos entes divinos ou nos artigos de fé, só estão lá por projeção humana.

Sendo a religião uma criação humana e o divino uma projeção humana, significa dizer também que não há uma neutralidade religiosa ou ainda que a religião não cumpre alguma função na sociedade. Existe no pensamento religioso uma serventia para manutenção das relações de poder, a luta entre classes antagônicas está presente na forma em que a humanidade se organizou ao longo do tempo, a religião aparece neste cenário como meio de conservação desta dominação, pois é uma ferramenta de alienação, segundo Leandro Konder.

A rigor, não foi difícil à religião sobreviver, porque dentro das condições sociais típicas do escravismo, do feudalismo, e do capitalismo, nas épocas posteriores, ela

continuava a corresponder a uma necessidade socialmente sentida. Neste sentido, talvez se possa dizer que a consciência religiosa é a forma por excelência do pensamento alienado. Ou, para dizê-lo nos termos de Marx: “a religião é, na realidade, a consciência e sentidos próprios do homem que ou ainda não se encontrou ou então já se perdeu”. “A religião é apenas o sol ilusório em torno do qual se move o homem enquanto não se move em torno de si mesmo” (*Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*). (KONDER, 2009, p. 80).

O discurso teológico ou a organização da religião passam por adaptação no decorrer do tempo, atendendo aos interesses de cada modo de produção. Para se integrar a cada modelo de sociedade há um novo perfil religioso, sempre partindo das necessidades que os indivíduos possuem, a consciência alienada segue na busca por se encontrar e a religião se coloca como orientação desse percurso, mas escondendo o real interesse de fazer com que o verdadeiro caminho não seja encontrado.

Isso posto, pretende-se apresentar nesta pesquisa a investigação da crítica à religião que Karl Marx redige nas obras *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844) e *A Ideologia Alemã* (1845-1846), esta última em parceria com Friedrich Engels. Entendemos aqui que não há uma sistematização da crítica marxiana à religião, embora isso não se configure em uma ausência de deliberada crítica de Marx à religião e a sua função na sociedade capitalista.

Para alcançar este objetivo é necessário, no primeiro capítulo, analisar a crítica à religião desenvolvida por Ludwig Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* (1841), devido à sua grande importância no trabalho filosófico da crítica à religião e a sua clara influência no pensamento marxiano, como provaremos mais à frente, principalmente no que se diz respeito aos exames sobre a religião. O fato de estar entre o “Idealismo Alemão” e o “Materialismo Histórico-Dialético” não pode ser um argumento que invisibilize a colaboração feuerbachiana na história da filosofia. Segundo Manfredo Araújo de Oliveira:

A grandeza de Feuerbach é ter tornado claro, que a questão de Deus não é uma questão acadêmica, mas levantar o problema de Deus significa para o homem pôr-se, de uma maneira radical, o problema de sua autocompreensão. Deus Existe ou Deus não existe tem consequências enormes para o autoconhecimento do homem e sua práxis. Esta questão revela, assim, uma questão fundamental, na qual está em jogo não só o conhecimento justo e adequado do ser-humano, mas, em última análise, a própria realização do homem enquanto tal. Nesse sentido, mesmo que tudo se encaminhe para uma negação, o levantamento da questão de Deus se manifesta como momento necessário no processo de autorrealização do homem. (OLIVEIRA apud SOUZA, 1993, p. 14-15).

Por meio d’*A Essência do Cristianismo*, pretendemos entender a crítica feuerbachiana à religião, a sua visão sobre o ser humano e a relação com Deus. Ir além da etiqueta de filosofia

ateísta, fazer uma análise de como o Feuerbach reduz a teologia à antropologia, construindo assim um projeto antropoteístico. De acordo com Francesco Tomasoni:

em comparação a essa posição que fica externa à religião e supõe que a ciência a torne supérflua, o ateísmo de Feuerbach mostra-se mais complexo. Ele também exorta a que voltemos à ciência em vez de esperar efeitos pela oração, mas sabe que a religião tange problemas mais profundos, existenciais, e que a ciência é circunscrita dentro de barreiras e finalidades dadas. [...] A posição de Feuerbach não corresponde à exaltação da ciência. Ela não é simples negação da religião, mas mira também à recuperação dos valores inscritos na religião. (TOMASONI, 2015, p. 35).

A filosofia feuerbachiana busca compreender como as virtudes propriamente humanas são projetadas para fora dos indivíduos, de modo que ao olhar-se no espelho e não consigam se reconhecer, pois só enxergam Deus. Feuerbach não está somente trocando o pensamento religioso por outra coisa, mas sim pretende entender como a religião aliena a consciência humana de tal forma que o homem não se identifique com a sua essência genérica. Este filósofo confronta todos os demais pensadores que buscam algum amparo em entidades supranaturais, mostrando assim que o ser humano só pode encontrar algum cuidado e amparo em sua vida entre si mesmo. Assim afirma Rubem Alves sobre Feuerbach:

Se os teólogos brigam entre si, e haja inquisições e silêncios obsequiosos, a razão não se encontra em possíveis dúvidas quanto à grande Presença Paternal. Suas querelas dizem respeito apenas às descrições que fazem do perfil do Pai. Alguns o acham conservador, outros revolucionários. Mas ninguém duvida que ele exista. Todos cantam, gregorianamente, o mesmo refrão: “Temos um Pai...”. Mas Feuerbach aceita que as velas que acende e as canções que entoa se abrem para o Vazio. Diz a canção: “Saudade é o revés do parto; é arrumar o quarto para o filho que já morreu”. Feuerbach diria “religião é o revés do parto; é arrumar o quarto para o pai que não nasceu...” (ALVES apud FEUERBACH, 1989, p. 8).

O ser humano só pode recorrer a si mesmo para encontrar algum tipo de conforto, buscar um Deus é sentir falta do que não existe. Feuerbach ilumina “a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade” (FEUERBACH, 1989, p. 28). A obra feuerbachiana ecoa com força, segundo Marx, após a crítica elaborada por Feuerbach: “na Alemanha, a crítica da religião está, no essencial, terminada; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica” (MARX, 2013, p. 145).

Portanto, não se pode compreender a posição de Marx e Engels sobre a religião sem retornar a Feuerbach. O acerto de contas da filosofia marxiana toma como ponto de partida o principal crítico à religião do seu tempo, aquele pensador que mais o havia influenciado, Ludwig Feuerbach.

Após entender a redução da teologia em antropologia, operada por Feuerbach, e a sua respectiva influência na obra marxiana, pretendemos, no segundo capítulo, compreender a alienação religiosa nos termos de Marx, pois há aqui alguma diferença se comparada com a análise feuerbachiana. A crítica marxiana a Feuerbach é permeada pelo tratamento dado ao problema da alienação religiosa. Considero aqui três críticas importantes, primeiro Feuerbach faz parecer que a alienação religiosa é uma questão individual e a autoconscientização é o seu remédio correspondente, assim como a ausência da percepção de que a religião é um sintoma dos problemas sociais, não a causa, e, por fim, a concepção de que há uma essência humana, evidenciando que não rompeu completamente com o idealismo.

Existe a alienação religiosa porque a alienação está em outras esferas sociais, inclusive na característica que faz de nós humanos. O trabalho, segundo Marx e Engels,

pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX; ENGELS, 2007, p. 87).

Um crítico da filosofia marxiana poderia colocar como objeção que os demais animais produzem os seus meios de vida, mas teria que ignorar o fato de que esta produção é a partir de carências, pois só o ser humano tem a capacidade de previamente planejar a sua ação, mesmo que não haja uma carência a ser suprida, assim como nenhum outro animal tem a habilidade de controlar e modificar a natureza de forma premeditada e intencional. Marx não nega a existência da alienação religiosa, mas identifica que a base das outras formas de alienação está na alienação do trabalho, segundo Marx:

na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (ausarbetet), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (fremd) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem se põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. (MARX, 2010, p. 81).

Na análise marxiana, Feuerbach não percebeu que o trabalho na sociedade de classes é um trabalho alienado, o produtor é separado da produção ao ponto de não reconhecer-se nos produtos que produziu. Se a alienação tem um perfil coletivo, somente coletivamente pode-se

encontrar uma solução, isto é, somente com uma sociedade que supere o trabalho alienado podemos encontrar o fim de outras formas de alienação, inclusive a religiosa.

Dessa forma, entendemos que nossa sociedade, marcada pela exploração de uma classe sobre a outra, precisa da religião como um instrumento de dominação e manipulação. Por meio do discurso de que ‘as recompensas estão em uma dimensão transcendente’, entre outros elementos teológicos que serão abordados posteriormente, a classe dominante evita revoltas, tenta inviabilizar a busca pelo suicídio ou outros recursos radicais que podem ser utilizados por meio da classe explorada visando o fim do seu sofrimento.

Por fim, pretende-se no terceiro capítulo, após a análise marxiana da alienação religiosa, a compreensão da crítica de Marx e Engels à religião partindo do conceito de ideologia na obra *A Ideologia Alemã*. Este livro marca o amadurecimento da produção marxiana, os conceitos anteriormente desenvolvidos ganham uma nova roupagem, isto é, os autores d’*A Ideologia Alemã*¹ exercem uma maior precisão teórica em sua filosofia. Partem da filosofia alemã que os antecede, desejam “acertar as contas” com os demais pensadores do seu tempo que se intitavam críticos e depois seguem no entendimento da sociedade capitalista.

O conceito de ideologia, no sentido dado por Marx e Engels, atrelado à religião é fundamental para o esclarecimento da função que a classe dominante atribui à prática religiosa. Qual a importância ideológica da religião? O que é ideologia? A ideologia é uma compreensão falsa ou invertida da realidade? Segundo Chauí:

O sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras, como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais - não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas ideias. Ou seja: as ideias aparecem como produzidas somente pelo pensamento, porque os seus pensadores estão distanciados da produção material. [...] O que aparece é que as ideias é que estão separadas do mundo e o explicam [...] como entidades autônomas descobertas por tais homens. (CHAUÍ, 2008, p. 63).

Este conjunto de ideias possibilita, além da dominação no campo material, a realização do controle também no esfera do pensamento, pois “as ideias da classe dominante, são em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47). Ser a classe

¹ “Não se pode dizer que existe uma ruptura entre os escritos anteriores de Marx e Engels e *A Ideologia Alemã*. Há sim uma evolução, com transformações em um processo que ganha novo corpo teórico. [...] Em *A Ideologia Alemã*, o materialismo histórico ganha o formato que terá no restante da obra desses autores”. (MARX; ENGELS, 2007).

dominante significa ter à disposição os meios de produção da vida material e espiritual, possibilitando que as relações de exploração no campo material tenham uma expressão ideal, isto é, ideológica.

2 O ANTROPOTEÍSMO FEUERBACHIANO

A busca pela identidade ou originalidade humana está presente em diversas correntes religiosas e filosóficas. Feuerbach não vai fugir da regra idealista de apontar o ser humano como algo consciente e racional, conseqüentemente diferente dos outros animais, pois estes não pensam, não têm uma autonomia da reflexão como nós, seres humanos, temos. O autor indaga:

Mas qual é esta diferença essencial entre o homem e o animal? A resposta mais simples e mais comum, também a mais popular a esta pergunta, é: a consciência – mas consciência no sentido rigoroso; porque consciência no sentido de sentimento de si próprio, de capacidade de discernimento sensorial, de percepção e mesmo de juízo das coisas exteriores conforme determinadas características sensoriais, tal tipo de consciência não pode ser negada aos animais. Consciência no sentido rigoroso somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero, a sua quiddidade. De fato, é o animal objeto para si mesmo como indivíduo – por isso tem ele sentimento de si mesmo – mas não como gênero – por isso falta-lhe a consciência, cujo nome deriva de saber. Onde Existe consciência existe também qualidade para ciência. A Ciência é a consciência dos gêneros. Na vida lidamos com indivíduos, na ciência com gêneros. (FEUERBACH, 2013, p. 35).

A consciência, ou seja, a faculdade intelectual pertencente aos indivíduos aparece como um alicerce para o ser humano, é o seu fundamento. Dito de outro modo, a capacidade de saber, pensar e refletir não existe em nenhum outro ser vivo fora da humanidade. Deste modo, lhe é possível a compreensão do gênero humano, diferenciando-se assim dos demais seres, pois estes estão presos à sua própria individualidade, enquanto os seres humanos podem conhecer a essência, pensar sobre nós enquanto pertencentes a um conjunto.

Ao se debruçar sobre o ser humano, Feuerbach define a natureza humana como as diversas particularidades dos indivíduos, ao ver as especificidades humanas contempla-se ao mesmo tempo a natureza humana, como afirma Júlia Lemos Vieira, à luz de Feuerbach:

para Feuerbach, a natureza do ser está dada nas múltiplas formas de manifestações sensíveis do ser, ou seja, na amplitude de modos de expressão dos homens já se manifesta a própria natureza humana. Numa perspectiva feuerbachiana, o ser é o conjunto de suas manifestações sensíveis diversas, as razões e paixões expressas na sua convivência objetiva comum são a própria essência. A manifestação da totalidade está imediatamente dada no conjunto amplo das multiplicidades fenomênicas, não são o desenvolvimento de um conceito oculto. Em Feuerbach (1988, p. 49), a essência é determinada pelos sentidos, o sentimento é determinante sobre a vontade e a razão, e “o que a essência afirma, a razão [sensível], o gosto ou o juízo não podem negar”. O ser genérico feuerbachiano é, assim, o conjunto das manifestações sensuais particulares dos homens compartilhadas num espaço comum. A essência humana está dada completamente já nos modos de manifestação em geral, nos predicados dos diversos indivíduos coexistentes (VIEIRA, 2017, p. 228).

Cada novo humano traz novos atributos, virtudes e características consigo, conseqüentemente uma renovação da humanidade consigo, deste modo a essência humana é tão rica quanto a diversidade de tipos humanos existentes. A reunião das qualidades humanas coexistentes é a composição do gênero humano

Os demais animais limitam-se a sentir o que lhes pode afetar individualmente ou ainda localizar-se dentro do espaço em que estão inseridos, enquanto o ser humano dá um passo além e pode conhecer o que o determina como ser humano. No homem há uma quebra da barreira das limitações imediatas e, conseqüentemente, uma abertura para infinitas possibilidades, segundo Feuerbach.

Por isso tem o animal apenas uma vida simples, mas o homem uma vida dupla: no animal é a vida interior idêntica à exterior – o homem possui uma vida interior e uma exterior. A vida interior do homem é a vida relacionada a seu gênero, com sua essência. O homem pensa, i.e., ele conversa, fala consigo mesmo. O animal não pode exercer nenhuma função de gênero sem o outro indivíduo fora dele; mas o homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar (porque pensar e falar são legítimas funções do gênero) sem necessidade de um outro. O homem é para si ao mesmo tempo eu e tu; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto. (FEUERBACH, 2013, p. 35-36).

Os animais existem em um constante processo de busca para suprir suas carências imediatas, existem para simplesmente lutar pela sobrevivência e procriar, sem reflexão, sem planejamento, sem progresso da espécie, sem acúmulo de conhecimento entre as gerações, apenas contingentemente existem. O ser humano possui as características animais de suprir carências e procriar, mas vai além disso, pois pode ser empático ou sentir compaixão, significa dizer que o ser humano tem a capacidade de se colocar no lugar de outras pessoas, pode pensar para além de si.

A essência humana como objeto permite que um indivíduo se identifique com o outro, sentindo o que ele sente, compreendendo-o, deste modo não sendo indiferente às circunstâncias em que o outro está inserido. Assim como eu posso olhar para mim com a lente de outra pessoa, posso exercitar a reflexão e ser outro de mim mesmo, fazer um julgamento ou reflexão sobre mim a partir das impressões de outrem. Inclusive porque a consciência humana é infinita, inúmeras possibilidades, “a consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência”. (FEUERBACH, 2013, p. 36).

Já é sabido até aqui que o ser humano se difere dos demais seres, que possui uma essência genérica e uma dupla via da consciência, mas se faz necessário destrinchar essa essência humana: o que ela possui de tão especial?

mas qual é então a essência do homem, da qual ele é consciente ou que realiza o gênero, a própria humanidade do homem? A razão, a vontade e o coração. Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade da sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer, i.e., para sermos livres. A essência verdadeira é a que pensa, que ama, que deseja. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo. Assim é o amor, assim a razão, assim a vontade. A trindade divina no homem e que está acima do homem individual é a unidade de razão, amor e vontade. Razão (imaginação, fantasia, representação, opinião). Vontade, amor ou coração não são poderes que o homem possui – porque ele nada é sem eles, eles só é o que é através deles -, são, pois, como os elementos de fundamentam a sua essência e que ele nem possui nem produz, poderes que o animam, determinam e dominam – poderes divinos, absolutos, aos quais ele não pode oferecer resistência. (FEUERBACH, 2013, p. 36-37).

Esse ser que aparenta ser frágil, na verdade é perfeito. O ser humano carrega em sua essência a perfeição, uma excelência que tem três elementos, a saber, o amor, a vontade e a razão. O ser humano é livre, ao mesmo tempo que pensa, pode conhecer e refletir, assim como pode amar, embora só possam ser percebidos plenamente no gênero humano, são características que determinam o que é um indivíduo e reforçam a imanência contra transcendências ilusórias.

A verdadeira trindade está na vontade, amor e razão, isto é, o gênero humano é uma divindade e a tríade divina faz com que o humano alcance a sua plenitude. Sem o amor, a vontade e a inteligência não se pode falar em humanidade. Esses três elementos divinos estão acima do indivíduo, mas se concretizam na coletividade, ou seja, são atributos básicos e imprescindíveis para que se delimite o que é o ser humano.

Essas forças são essenciais, porque através delas a essência do homem, transcendendo os indivíduos, impulsiona-os para além dos limites da sua finitude: a razão tende a continuação indefinida da reflexão; a vontade ética, em si mesma, incondicionada e o poder do sentimento rompe todos os limites no ato de doação plena. É portanto, através estas forças, que impelem o indivíduo para além de si mesmo, que se realiza a essência do homem enquanto espécie. (SOUZA, 1993, p. 52).

Não há um demérito na limitação e contingência individual, a natureza faz o humano assim. O importante é compreender a participação individual nesse processo de perfeição do gênero, ou seja, o entendimento de que a realização da essência humana só é possível a partir de cada pessoa particularmente. A execução particular da razão, dos sentimentos e da vontade possibilita a plenitude desses atributos se observados na humanidade, no coletivo.

A consciência alienada ao falar sobre Deus lista algumas características atreladas à perfeição, mas a humanidade é a verdadeira portadora desses atributos. É falso falar que só

podemos listar perfeições sobre Deus, pois nós que as dispomos, inclusive o próprio Deus como criatura da nossa perfeição. Deste modo, as “grandes pessoas”, as “pessoas virtuosas”, as “referências morais” de uma sociedade são a revelação da essência humana, são os melhores exemplares do gênero humano. As pessoas que recebem a admiração da sociedade são as que melhor representam a essência humana do seu tempo histórico e contexto social, pois assim como cada povo tem a sua divindade, cada povo tem os seus paladinos da moral, os seus heróis.

Alguém poderá simbolizar bem algum elemento da tríade divina ou ainda ser uma destacada síntese do amor, da vontade e da razão, mas a infinita potência dos poderes da essência humana só pode ser consolidada no gênero humano. Por mais incrível que seja um sujeito, não poderá ser maior que a humanidade.

Assim sendo, Deus nada mais é que um exemplo do poder que o gênero humano possui, pois criou um ser perfeito e infinito. O ser humano não consegue perceber que é o Deus de si mesmo, inclusive porque tem a capacidade de criar. A partir dos seus poderes, o gênero humano gerou um ser que está além dos limites do tempo ou espaço, provou assim que é o Deus de si mesmo. De acordo com Feuerbach:

O ser absoluto, o deus do homem é a sua própria essência. O poder do objeto sobre ele é, portanto, o poder da sua própria essência. Assim, é o poder do objeto do sentimento o poder do sentimento, o poder do objeto da razão o poder da própria razão, o poder do objeto da vontade o poder da vontade. (FEUERBACH, 2013, p. 38).

A essência humana é constituída de três poderes e estes transformam-na em uma divindade. O Ser humano não percebe que o ser chamado Deus é na verdade a sua própria essência. A partir do poder do amor, do poder da razão e do poder da vontade, ou seja, da essência humana, tem-se um Deus. O conceito de Deus coincide com o conceito de humano, divindade e humanidade são um e o mesmo, não há como circunscrever cada um dos conceitos separadamente, pois são termos distintos para designar o mesmo ser.

Diante da sua própria essência, o gênero humano sente-se satisfeito e encantado com toda sua beleza e poder. Para Feuerbach:

O homem se mira no espelho; ele se agrada com a sua figura. Este agrado é uma consequência necessária, espontânea da perfeição, da beleza da sua imagem, A bela imagem é contente a si mesma, tem necessariamente alegria de si mesma, reflete-se necessariamente em si mesma. Vaidade é apenas quando o homem namora a sua própria forma individual, mas não quando ele admira a forma humana. Ele deve admirá-la; não pode conceber nenhuma forma mais bela, mais sublime do que a humana. Certamente todo ser ama a si mesmo, a sua essência, e deve amá-la. (FEUERBACH, 2013, p. 39).

O indivíduo não precisa fingir que a sua essência, enquanto conjunto, não é perfeita, muito pelo contrário, se é belo e perfeito, o indivíduo deve contemplar a sua forma humana. O problema reside na admiração ao individual ou particular, mas ao admirar o todo a vaidade ou orgulho não precisam de moderação, pois neste contexto a pessoa está diante do Belo, do Perfeito, do Infinito, ou seja, de Deus.

Mesmo diante desta essência ilimitada, os erros ainda são possíveis. Segundo Feuerbach:

Toda limitação da razão ou da essência do homem em geral baseia-se num engano, num erro. De fato pode e mesmo deve o indivíduo humano – aqui ele não é diferente do animal – sentir-se e conhecer-se como limitado; mas ele só pode ter consciência das suas limitações, da sua finitude porque a perfeição, a infinitude do gênero é um objeto para ele, seja um objeto do sentido, da consciência moral ou da consciência pensante. Se ele, porém, fizer das suas limitações as limitações do gênero, explica-se isto pelo engano dele se considerar idêntico ao gênero – um engano ou ilusão que, de resto, relaciona-se intimamente com o comodismo, a preguiça, a vaidade e a ambição do indivíduo. Uma limitação que reconheço como minha limitação, esta me humilha, me envergonha e me intranquiliza. Então, para me libertar desse sentimento de vergonha, desta intranquilidade, faço das limitações da minha individualidade as limitações da própria essência humana. (FEUERBACH, 2013, p. 40).

A fraqueza individual leva o indivíduo a transferir a limitação particular à essência humana. O sujeito é acometido pela vergonha de se sentir limitado, debilitado ou enfraquecido e passa a rotular o gênero humano com essas características ou fragilidades. O embaraço da contingência e brevidade da vida faz com que o sujeito atribua essa condição à humanidade, ou seja, afirme que Deus é medíocre e frágil.

A condição humana não deveria ser motivo de sentir-se humilhado ou desonrado, pois a natureza humana deveria ser motivo de orgulho. Mas a incompreensão do que é o gênero humano e a sua essência pode embaçar a percepção de toda grandeza humana, essa falta de entendimento conduz ao erro de rotular a imperfeição individual como se fosse algo genérico. A insuficiência e a finitude individual não viabilizam a percepção de estar inserido dentro do perfeito, eterno e infinito do gênero humano.

A religião é uma das formas de diferenciar humanos e não humanos, ela se insere neste cenário porque se apropria da essência humana e faz diversas ilações sobre essa essência. Deste processo de apropriação surge o movimento de castração humana, pois o humano se anulará paulatinamente se acorrentando em fantasias. Sobre a relação entre essência humana e religião, Feuerbach afirma que “a essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião. Mas a religião é a consciência do infinito; assim

não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência infinita, não limitada, mas infinita. (FEUERBACH, 2013, p. 35-36).

Ao se colocar como intermediária da relação entre indivíduo e gênero, ou seja, entre sujeito e essência, a religião pode ser uma fonte de erro, pois esta vai conduzir suas conclusões para outros entes que não a humanidade em si. A religião em questão aqui não tem como objetivo a exaltação do gênero humano, não busca dar glórias ao “Egoísmo” do gênero humano, destarte incorre em erros nas suas possíveis interpretações ou conclusões sobre o que é a essência humana e o verdadeiro Deus.

A indissociabilidade da vida interna e externa dos animais faz com que a sua essência seja tão limitada quanto a sua busca por suprir suas carências. Se a vida interna não se diferencia da vida exterior, significa dizer que ver um espécime é o mesmo que ver todo gênero ou ainda que as diferenças entre os exemplares deste respectivo conjunto de animal são superficiais, pois seriam todos muito semelhantes, assim como há uma série de incapacidades nas espécies animais não humanas. Já no ser humano há uma diferença entre a vida interna e externa, deste modo a capacidade de compreensão da sua essência ilimitada é um exercício que cabe a cada sujeito. Para Feuerbach:

A visão do animal não vai além do necessário e também a sua essência não vai além do necessário. E até onde se estender a tua essência, até onde se estender o sentimento ilimitado que tens de ti mesmo, até aí serás Deus. A cisão entre inteligência e essência, entre a capacidade de pensamento e a de produção, que se dá na consciência humana é, por um lado, apenas individual, sem importância geral; por outro lado, apenas aparente. Quem reconhece como más as suas más poesias não é tão limitado em seu conhecimento ou em sua essência como aquele que aprova em sua inteligência as suas más poesias. (FEUERBACH, 2013, p. 41).

A cada passo que um indivíduo dá em direção à compreensão da sua essência genérica, tem-se aí um passo a mais para o entendimento de que é uma divindade ou que possui alguma característica divina. Como já foi dito, transferir sua limitação individual ao gênero é um erro, ao mesmo tempo que reconhecer as suas limitações individuais é um acerto, não confundir a sua incapacidade com a do gênero humano é uma grande demonstração de sabedoria.

De forma simultânea, a consciência alienada não consegue perceber que Deus é a manifestação ou exemplificação do gênero humano, ela concebe algo de divino no indivíduo. A consciência alienada não obteve o entendimento de que não existe um Deus, que ele é sua criatura, que ele é uma tentativa de exemplificar ou objetificar as potencialidades do gênero humano ou ainda a grandiosidade da razão humana se exibindo: “olhem para mim, eu, a razão, consigo pensar o infinito, o eterno e o perfeito e lhe dou um nome: Deus”, ao mesmo tempo

que consegue identificar no indivíduo “faíscas” da perfeição e infinitude do gênero humano, pois a fonte das virtudes individuais não é Deus, mas sim a infinitude e perfeição do gênero humano.

Os poderes que constituem a essência humana se encerram em si mesmos, seus objetivos se completam em si mesmos, ou seja, as virtudes humanas são absolutas e para que seja possível a sua realização ou entendimento não precisam de um ser transcendente que lhes dê sentido, não há um vínculo direto entre as qualidades do gênero humano e Deus, segundo Feuerbach.

Não tens aqui outra definição de Deus a não ser esta: deus é o sentimento puro, ilimitado, livre. Qualquer outro Deus que estabeleceres aqui é um deus que chega empurrado, vindo de fora do teu sentimento. O sentimento é ateu no sentido da crença ortodoxa que como tal associa a religião a um objeto exterior, o sentimento nega um Deus objetivo – ele é um sentimento para si mesmo. (FEUERBACH, 2013, p. 43).

Se o sentimento encerra-se em si mesmo significa dizer que Deus que se ancora no sentimento e não o contrário, assim como a concepção da ideia de Deus só pode estar associada à infinitude, liberdade e perfeição. A religião é a intermediária de um erro, constrói um laço entre os sentimentos e um objeto exterior, entrelaça dois elementos de modo a parecer que não pode ser de outro modo, mas verdadeiramente não é a realidade.

Uma das forças da religião consiste no fato de que o seu principal objeto é a essência humana, não objetos externos, mas o que há de mais íntimo ao gênero humano. As inferências religiosas são elaboradas a partir do que é humano contra o próprio humano, indícios são coletados e usados a favor da religião, raciocínios que encontram algum elemento real, pois foi retirado da essência humana.

O corolário desse processo de ilações a partir da religião produz um movimento que consiste na busca do indivíduo de querer se igualar ao seu Deus, assim como o seu Deus é uma tentativa de se igualar ao indivíduo. É ensinado que o indivíduo é criado por Deus, é uma imagem e semelhança da divindade, mas não entende que é Deus que foi feito a partir da imagem que a humanidade tem de si mesma.

O objeto do homem nada mais é do que a sua própria essência objetivada. Como o homem pensar, como foi intencionado, assim é o seu Deus. A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. O que é Deus para o homem é o seu espírito, sua alma, seu coração, isto é também o seu Deus: Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor. (FEUERBACH, 2013, p. 44).

Mesmo que a humanidade tenha dificuldade de perceber-se, ela se define na medida em que explica quem é o seu Deus, pois ao passo que caminha no desenvolvimento da consciência de si, a humanidade constrói a consciência que tem do seu Deus. O gênero humano, em toda sua intimidade, é revelado na construção da sua divindade, os humanos são a face do seu Deus e o seu Deus é a representação da humanidade. Segundo Feuerbach, a natureza humana e a natureza divina são uma mesma natureza que, fruto de elucubração religiosa, são cindidas e o amadurecimento da consciência humana fará a união, são idênticas não porque algum indivíduo entendeu que a humanidade é criada por Deus, mas sim devido ao fato de que o ser humano é o seu próprio Deus.

O âmago da humanidade é primeiramente alcançado e fragmentado pela religião porque esta é a primeira consciência do ser humano. Verificamos este processo no fato de que a mistificação da realidade é um movimento que sempre antecede o pensamento filosófico na história. Antes de alcançar ou buscar, de modo racional, as causas dos fenômenos, nos inclinamos a alegorias ou justificações misteriosas para o mundo.

A religião é a essência infantil da humanidade; mas a criança vê a sua essência, o ser humano, fora de si – enquanto criança é o homem objeto para si como um outro homem. O progresso histórico das religiões é apenas que o que era considerado pelas religiões mais antigas como algo objetivo, é tido agora como algo subjetivo, i.e., o que foi considerado e adorado como Deus é agora conhecido como algo humano. A religião anterior é para a posterior uma idolatria: o homem adorou a sua própria essência; a religião posterior dá esse passo; todo progresso na religião é por isso um mais profundo conhecimento de si mesmo. Mas toda religião determinada que considera idólatras as suas irmãs mais antigas exclui-se [...] do destino, da essência geral da religião (FEUERBACH, 2013, p. 45).

O progresso da consciência humana é a racionalização do que era enigmático ou misterioso. A cada passo dado pelos seres humanos, o que era causado ou responsabilidade divina transformou-se em fruto de alguma característica humana. Deste modo, amadurecer e exercitar plenamente a essência humana é abandonar a religião, não fazê-lo é perpetuar a infância e nunca desfrutar das potências genéricas da humanidade em uma totalidade.

Outro elemento que advoga contra a religião é a relação conflituosa entre as religiões. A cada novo passo em direção a outra religião se repetem os ataques e acusações sem bases sólidas para que seja possível entender porque uma religião é diferente ou melhor que a outra, sendo que elas se assemelham. As mudanças no interior da teologia são fruto do maior conhecimento que o gênero humano tem de si mesmo, não porque o ente que é chamado de Deus aparece e revela uma novidade. As religiões antigas são atacadas não porque elas

conheceriam menos do seu Deus, mas simplesmente porque o ser humano conhece menos de si mesmo.

O progresso da religião só é possível havendo avanços e conquistas do ser humano sobre sua própria essência. A religião colhe os resultados da busca que o ser humano faz para conhecer a sua própria natureza. Deste modo, as religiões que não se adequam a essas novas informações são rotuladas como idólatras ou atrasadas. Entendendo este movimento religioso, fica claro que a diferença entre as religiões não é radical, mas aparente, porque elas trabalham com a intervenção sobre a essência humana, suas disparidades consistem na capacidade que elas possuem de manipular as informações que são recolhidas sobre o que a é humanidade e o seu âmago.

No decorrer desse processo de superação da consciência infantil que ainda se localiza entre os humanos, haverá um momento em que as pessoas conseguirão identificar que não existem diferenças fundamentais entre as religiões, assim como a cisão entre humano e Deus é superficial, consequência da ignorância da sua própria identidade. De acordo com Feuerbach (2013, p. 45), “a nossa intenção é exatamente provar que a oposição entre o divino e o humano é apenas ilusória, i.e., nada mais é do que a oposição entre a essência humana e o indivíduo humano, que consequentemente também o objeto e o conteúdo da religião cristã é inteiramente humano”. O que a teologia afirma ser um discurso sobre Deus não passa de uma reflexão sobre a humanidade, ou seja, a teologia é uma antropologia que não possui consciência de si.

A religião é o relacionamento do humano consigo mesmo ou ainda a relação de um gênero com a essência que lhe aparece como uma outra, mas pertence a si mesmo. Esta falta de entendimento ocorre na forma como essa essência é apresentada aos indivíduos, pois é de modo que são abstraídas todas as limitações e imperfeições do homem individual, sendo exposto somente o que for julgado como bom e virtuoso nas suas formas mais perfeitas. Assim, a religião é uma autossatisfação da consciência alienada; um brinquedo para um indivíduo que não rompeu com a infância do pensamento, deixando a religião de lado assim que abandonar sua inocência.

A produção de conteúdo ou buscas para justificar a existência de Deus se limitam a apresentar elementos que de alguma forma se assemelham aos humanos. As outras propriedades que Deus teria, e sobre as quais não conseguimos fazer alguma conexão com atributos humanos, entram na categoria de mistério ou argumenta-se que a razão não pode alcançar tamanho limite. Assim como há uma pretensão de fazer com que as pessoas, para que sejam mais virtuosas, copiem os atributos divinos.

Esta elocução religiosa de provar a existência de Deus, só encontrando exemplos nos elementos que são conhecidos sobre a essência humana, e de ensinar que os humanos se esforcem para se assemelhar mais às virtudes divinas são duas provas que Deus não existe, não passa de um fruto da ignorância. A consciência que se autodesconhece projetou os elementos que conheceu sobre si mesma em uma entidade, por sua vez essa entidade é maior que a consciência que se autodesconhece. Para Feuerbach:

Se Deus fosse objeto para pássaro, seria objeto para ele apenas como um ser alado: o pássaro não conhece nada mais elevado, nada mais feliz do que ser alado. Quão ridículo seria se esse pássaro dissesse: para mim aparece Deus como um pássaro, mas o que ele é em si eu não sei. O ser supremo é para o pássaro exatamente o ser do pássaro. Retiras dele a imagem de essência de pássaro, retirarás dele também a imagem do ente supremo. [...] Quando a consciência humana se convence de que os predicados religiosos são apenas antropomorfismos, i.e., imagens humanas, aí então já apoderou-se a dúvida, a descrença da crença. (FEUERBACH, 2013, p. 48).

Todo atributo que sabidamente for classificado como mais elevado ou nobre coincidentemente também pertencerá à divindade do grupo que atribuiu o status de nobre e elevado aos atributos. Se o horizonte do comportamento da sociedade for a guerra, seus seres espirituais serão exímios guerreiros; se o objetivo for a paz, a busca da religião será para que as pessoas sejam tão pacifistas quanto o ser ao qual se presta culto. Deus é fruto das relações de conhecimento e desconhecimento que a humanidade tem sobre si mesma.

Por covardia ou falta de inteligência, o indivíduo pode até duvidar em algum momento, mas não leva a crítica, dúvida ou negação até as últimas consequências e ainda mantém a religião reforçando a alienação da consciência. Por mais contraditório que pareça a argumentação religiosa, o indivíduo tende a não radicalizar a sua crítica à religião, afinal o processo de crescimento e amadurecimento é denso e certamente muitas pessoas não desejam passar pela dor do aprendizado de que não existe um sobrenatural, só há imanência e nenhuma transcendência.

Tomemos como exemplo a capacidade que o ser humano tem, e sabe que possui, de existir, de amar e de raciocinar, mas não consegue fazer isso infinitamente, independentemente que qualquer circunstância, diferente de Deus, bem como as pessoas sabem que são mortais e a possibilidade de existência é contingente e dura por um breve espaço de tempo se comparado com a eternidade divina. Significa dizer que, como individualmente não se consegue existir para sempre, amar indiscriminadamente ou ter uma razão infalível e plenipotente, embora essas propriedades sejam muito valiosas à humanidade, deve existir um Deus que consiga reunir todas estas características em suas versões mais proeminentes; se esse Deus consegue fazer o que nós

não conseguimos fazer, certamente ele fará outras tantas coisas que são tão incríveis e estão além da nossa capacidade de compreensão, do mesmo modo que, se ele tem a capacidade de fazer tudo que gostaríamos de fazer e tudo o mais que não conseguimos pensar, com certeza esse Deus existe.

As propriedades de Deus estão em sintonia com a compreensão humana ou a definição que os sujeitos têm de si mesmos. A incapacidade individual de ser extraordinário ou perfeito, nos requisitos que julgados como bom ou belo, gera uma frustração ou decepção sobre a condição humana, situação que, aliada ao desconhecimento sobre a essência humana, cria um cenário propício para justificar a existência de Deus. Para Feuerbach:

A certeza da existência de Deus, da qual se disse que é para o homem tão segura, até mesmo mais certa do que a própria existência, depende, portanto, somente da certeza da qualidade de Deus – não é uma certeza imediata. Para o cristão é uma certeza somente a existência do deus cristão, para o pagão somente a existência do deus pagão. [...] A verdade do predicado é unicamente o penhor da existência. [...] O que o homem imagina como verdadeiro, imagina imediatamente como real, porque originalmente só é verdadeiro para ele o que é real – verdadeiro em oposição ao que é imaginado, sonhado. (FEUERBACH, 2013, p. 50).

A garantia da existência de Deus reside no fato de que os predicados que são atribuídos a ele realmente existem e dá-se um salto para assegurar que esse Deus é genuíno, autêntico e é verídico. Depois que o sujeito se fiar no Deus que afirmou existir, atribui ao Deus que o outro crê o estado de inexistente ou inferior, ou seja, as ignorâncias entram em atrito.

No lugar do choque entre povos por seus respectivos deuses, a consciência humana deveria perceber que existem tantos seres espirituais fantásticos quanto qualidades humanas. A diversidade de deuses é da mesma medida das qualidades ou virtudes humanas, de tal modo que o ataque aos deuses de um povo é uma ofensiva ao próprio povo, pois são as virtudes daquele grupo que estão sendo agredidas. A mesma sociedade que não conseguiu entender que o seu Deus é sua própria criação, não compreendeu que quando seu Deus é de algum modo ridicularizado, na verdade o que está sendo ridicularizado são as características e valores que esse grupo toma como nobres ou bons.

Covenientemente, o desenvolvimento do que a humanidade chama de razão e de cultura condiz com a definição das condutas que são honradas e, oportunamente ou coincidentemente, Deus seria portador de todos os atributos que são reconhecidos como honrados e permitidos. O progresso da teologia acontece decorrente do esforço que a humanidade tem para conquistar o autoconhecimento. Assim sendo, Deus é uma criação oportunista da religião para representar

uma postura que a sociedade já tem sem perceber ou ainda exercer o controle sobre esta sociedade.

A identidade do sujeito e do predicado mostra-se da maneira mais clara no desenvolvimento da religião que é idêntico ao desenvolvimento da cultura humana. [...] Com a ascensão do homem do estado de rudeza e selvageria para a cultura, com o discernimento do que convém ao homem e do que não convém, surge simultaneamente o discernimento do que convém a Deus e o que não convém. Deus é conceito de majestade, a mais alta distinção; o sentimento religioso é o mais alto sentimento de conveniência. (FEUERBACH, 2013, p. 51).

O desconhecimento que o homem tem de sua própria essência faz com que ele acredite na existência de um ser espiritual que é chamado de Deus, assim como promove cultos e homenagens a esse ser. As adorações e ritos dedicados a esse ser são na verdade uma veneração às capacidades humanas, pois o mais belo templo, interpretado como casa divina, nada mais é que a demonstração que o ser humano domina a arquitetura e engenharia; as obras de arte (músicas, pinturas, estátuas, etc.) não são para representar ou agradar a Deus, mas para que a humanidade possa perceber toda sua ascensão nesta técnica; a teologia ou ainda uma filosofia que se dedica a justificar divindades são uma amostra de como o ser humano conseguiu sofisticar o raciocínio, não uma prova que Deus de fato existe; do mesmo modo qualquer outro aspecto que seja classificado como forma de dedicação a Deus, mas somente é uma amostra do progresso humano.

Tudo que é visto como desprezível ou vil é descartado no progresso da humanidade, tudo que é definido como abjeto e torpe é considerado não humano, conseqüentemente não é divino. A divindade vai ganhando contornos em cada tempo e sociedade a partir das delimitações do que é tido como virtude para aquele respectivo povo. Se é virtuoso comer, o Deus come; se é virtuoso ser guerreiro, Deus é guerreiro; se é virtuoso amar indiscriminadamente, Deus é amor. A maior virtude atribuída ao seu Deus será a maior virtude deste povo, o papel da teologia ou da filosofia é a construção cada vez mais sofisticada desta inclinação da consciência infantil a Deus.

Deste modo, Deus depende dos conceitos e não os conceitos que dependem de Deus; as qualidades são autônomas e não tem uma religião, mas diante de tantas qualidades as divindades se apropriam dos conceitos para justificar e lapidar a sua existência. As qualidades e virtudes existem e não precisamos conhecer uma divindade para entendê-las ou significá-las, mas Deus depende delas para poder se afirmar.

O sujeito não depende de nenhuma divindade para poder exercer suas potencialidades ou virtudes, do mesmo modo que não depende de seres espirituais para compreender nenhuma

das virtudes conhecidas, mas Deus não pode ser explicado sem usar como recurso nenhuma característica positiva ou virtude humana. Deus está dependurado nas virtudes humanas e caso alguém as puxe ele fatalmente cairá do alto, o amor tem todas as suas dimensões sem precisar de Deus, mas o contrário não se aplica, pois sem amor o que seria de Deus? O mesmo se aplica às demais virtudes humanas. A religião empilhou as virtudes humanas que são conhecidas, depois colocou alguns enfeites e, por fim, lhe atribuiu o nome de Deus.

A religião produz uma situação de menosprezo ao humano, pois mesmo que a caracterização da divindade seja semelhante aos humanos, mesmo que os predicados da divindade sejam de perfil humano, mesmo que a divindade seja antropomorfizada, o ser humano é algo rebaixado se comparado com a divindade. O fato de fazer da divindade um ser semelhante ao humano proporciona que os humanos jamais consigam alcançar a capacidade máxima do exercício das suas virtudes e talentos, pois sempre haverá uma brecha para dizer que a divindade ainda é maior, que mais ainda poderia ser feito. Esta relação confusa dos humanos que se relacionam com um Deus-Humano, e mesmo assim suas respectivas qualidades são separadas em níveis abissais, mostra mais uma situação da relação de que a relação dos humanos com a sua divindade não passa de uma relação entre o sujeito e sua essência.

O empreendimento religioso acaba por ser algo simples, pois basta simplesmente organizar o discurso para encaixar ou retirar algum elemento. Com organizações retóricas e exercícios interpretativos toda e qualquer coisa pode ser objeto da religião ou sofrer algum tipo de uso por parte da atividade religiosa.

A religião compreende todos os objetos do mundo. Tudo que existe já foi objeto da adoração religiosa; na essência e na consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo. A religião não tem um conteúdo próprio, especial. Mesmo os sentimentos de medo e terror tinha em Roma o seu templo. Também os cristãos transformavam fenômenos psíquicos em essências, seus sentimentos em qualidades das coisas, a afeições que os dominavam em poderes que dominavam o mundo, em síntese, transformavam qualidades da sua própria essência, fossem elas conhecidas ou não, em seres autônomos. Demônios, duendes, bruxas, fantasmas, anjos eram verdades sagradas enquanto o sentimento religioso dominava a humanidade total e unanimemente. (FEUERBACH, 2013, p. 52).

Não havendo necessidade de apresentar provas e quando sentir-se encurralado é possível recorrer a alguma abstração como a fé em uma divindade, não há nada que esteja suficientemente seguro, a religião sempre poderá usar algo ou alguém para dizer o que se pretende dizer. De tal modo que, na ausência de algo verificável, divagações e devaneios são instrumentos de fácil alcance na religião. Na dúvida, a religião sempre terá alguma entidade positiva ou negativa para justificar algum fenômeno obscuro. O discurso gestado no

desconhecimento é frutífero em elementos fantásticos ou fantasiosos, sendo que facilmente a religião pode afirmar que só ela compreendeu a essência do fenômeno e pode discursar sobre.

A consciência humana que ainda não conseguiu compreender a sua essência faz uma aposta de que se o humano não consegue fazer, se está além das potências humanas, se parece algo grandioso demais para as pessoas certamente há um Deus que pode além da humanidade. Se o maravilhoso empreendimento que é a humanidade é incapaz de alcançar, há um Deus que tem capacidades superiores às humanas. De acordo com Feuerbach:

Para se tirar da mente a unidade existente entre os predicados divinos e humanos, para também com isso se tirar da ideia a unidade entre a essência divina e a humana, recorre-se à teoria segundo a qual Deus, como um ser infinito, é uma infinita quantidade de diversos predicados dos quais nós aqui só conhecemos alguns e exatamente os que são análogos ou semelhantes; os outros, porém, segundo os quais Deus, é um ser inteiramente diverso de algo humano ou semelhante a humano, só conheceremos no futuro, i.e., no outro mundo. (FEUERBACH, 2013, p. 53).

O outro elemento da mesma aposta é que, conseqüentemente, este ente que chamamos de Deus, além de ter maiores capacidades e poderes que a humanidade, também habita uma outra realidade ou uma realidade superior à humana. Significa dizer que o sujeito não poderá conhecer toda potência divina em vida e deve esperar o pós-morte para conseguir atingir esta meta, ou seja, é uma aposta em uma entidade que não existe, que habita um lugar que não existe e que se concretizará em um futuro que nunca chegará.

Uma análise otimista dessa situação é a esperança no progresso do conhecimento do ser humano sobre sua essência, decretando em algum momento o fim da religião e a compreensão de que Deus não existe da forma concebida em estágios anteriores da humanidade, que o humano é o verdadeiro Deus e Deus não passava de um exercício da razão. A essência humana que é verdadeiramente infinita, pois são infinitos predicados, cada indivíduo é um predicado, cada nova pessoa é um novo talento, uma nova propriedade, uma nova virtude da humanidade. O mistério e infinitude da essência divina consiste no fato da infinitude e inesgotável riqueza de indivíduos, o mistério verdadeiro está na falta de conhecimento sobre toda essência humana.

A religião é a separação do humano consigo mesmo, pois estabelece Deus como um ser diferente e superior ao indivíduo. A religião opera de modo a promover o pensamento de que Deus é um ser externo ao sujeito, Deus é a essência humana objetivada, de modo que podemos tomar consciência, por meio desse ente perfeito, da nossa própria perfeição. Só a razão olha para o geral, o gênero, o universal, só a razão pode abstrair. Deus é incompreensível e não pode ser representado em imagens, do mesmo modo que não podemos representar a razão com imagens ou conhecemos a essência dela. Deus é a razão que se autodeclara como ente supremo,

a razão que se afirma como perfeita e pura. Deus é necessário não pelo motivo que os teólogos afirmam, mas pelo fato de ser a razão necessária e superior.

A razão não se faz dependente de Deus, mas Deus depende dela. [...] Deus é tudo e tudo pode, era dito então, através da sua infinita plenipotência; no entanto, ele não é nada e não pode fazer nada em que se contradiga, i.e., a razão. O irracional nem a plenipotência pode fazer. Acima do poder da plenipotência está então o poder mais elevado da razão como critério do que se deve afirmar e negar de Deus, do positivo e negativo. [...] Deus é o teu mais elevado conceito e razão, a tua mais elevada faculdade de pensar. Deus é o “cerne de todas as realidades”, i.e., o cerne de todas as verdades da razão. Tudo aquilo que reconheço na razão como essencial, estabeleço em Deus como entidade: Deus é o que a razão pensa como o mais elevado. Mas o que eu reconheço como essencial, aí se revela a essência da minha razão, aí se mostra a força da minha faculdade de pensar (FEUERBACH, 2013, p. 67).

Não aceitamos um Deus irracional e passional, um Deus que se contradiz, qualquer tipo de incongruência percebida será retirada e algum movimento argumentativo será produzido buscando atualizar o perfil da divindade. A ideia de Deus não pode ser incoerente, os eventuais desacordos serão reparados, a religião fará de modo com que, ao refletir, o indivíduo entenda como uma ideia clara e fruto da reflexão, inclusive entendendo como estranho que não consegue usar a razão e chegar à mesma conclusão que a pessoa que acredita na existência de um ser suprasensível.

O limite da razão e o limite de Deus coincidem. A capacidade máxima do exercício racional de um povo será representada na sua divindade, ou seja, o Deus de um povo é a maior manifestação racional que ele consegue atingir. A razão, entorpecida pela religião, coloca uma faixa de limite nas suas qualidades humanas e conclui que só um ser supranatural poderá ir além desta fronteira.

O monoteísmo é um exemplo da divindade como fruto da razão, pois é uma afirmação da razão de não conseguir autoperceber-se como dividida ou ainda a exposição de que a razão não consegue encontrar outro ser tão perfeito quanto ela, nada é do mesmo nível da razão. O desfecho da razão que olha para si mesma é concluir que nada tem um poder similar ao seu, não podendo assim existir outro perfeito ou mais alguma coisa que seja perfeita. Deste modo, se só existe um perfeito, só poderia existir um Deus.

Embora a ideia de Deus não possa ser somente razão, sem qualquer sentimento, pois inclusive se colocaria indiferente aos seres humanos ou ainda não representaria a humanidade em sua plenitude. Se o ser humano não é só razão, suas representações fantásticas não poderiam ser, deste modo Deus se liga à humanidade por intermédio do amor, de acordo com o discurso religioso haveria uma relação de amor entre Deus e os seres humanos. Para Feuerbach:

O amor é o laço de união, o princípio de mediação entre o perfeito e o imperfeito, entre o ser sem pecado e o pecador, entre o geral e o individual, a lei e o coração, o divino e o humano. O amor é o próprio Deus e sem ele não há Deus. O amor transforma o homem em Deus e Deus no homem. O amor fortifica o fraco e enfraquece o forte, humilha o soberbo e enaltece o humilde, idealiza a matéria e materializa o espírito. O amor é a verdadeira unidade Deus e homem, espírito e natureza. No amor é a natureza comum um espírito e o espírito refinado é a natureza. Amar significa, partindo do espírito, anular o espírito; partindo da matéria, anular a matéria. (FEUERBACH, 2013, p. 75).

A consciência alienada não consegue perceber no amor uma divindade, mas sim o contrário, que uma divindade é o amor, há uma inversão. A reflexão fruto dessa inversão promove a divindade a um status incrível, pois ao mesmo tempo que ela é a perfeição, portadora de todas as qualidades e virtudes na sua máxima potência, não deixa os humanos de lado, sente compaixão e cuida. Além da criação de uma figura extraordinária, a religião precisa estabelecer um vínculo desse ser com a humanidade, esse vínculo é o sentimento e não a indiferença.

O amor não precisa de um Deus, o sentimento em si já é divino, na verdade o amor é a divindade. O gênero humano tem como um dos elementos de sua essência o amor, mas sem perceber promove esta transferência para outro ser. Incumbido desta característica sentimental, a divindade é responsável por várias tarefas que a humanidade entende como nobres, pois as capacidades de sentir compaixão, ter misericórdia e perdoar encontram na divindade as suas versões perfeitas e infinitas.

A combinação entre razão e sentimento para poder conceber a imagem de um Deus mostra que essa ideia é a essência humana que se relaciona consigo mesmo na religião. Não é preciso somente expor que há uma consciência entorpecida, se faz necessário provar a alienação produzida na religião, pois segundo Feuerbach:

A prova mais evidente, irrefutável de que na religião o homem se contempla com um objeto divino, como uma meta divina, que ele então na religião só se relaciona consigo mesmo, com a sua própria essência – a prova mais evidente e irrefutável é o amor de Deus pelo homem, a base e o centro da religião. Deus se desfaz da sua divindade por causa do homem. (FEUERBACH, 2013, p. 83).

O sentimento provoca o rebaixamento de Deus, faz com que a divindade desça do palco em que é contemplada para entrar em contato com o ser humano. A face racional dessa entidade tida como perfeita faz com que ela brilhe sozinha, seja exaltada individualmente, mas o sentimento não pode acontecer só, ou seja, a razão pode exercitar-se plenamente de forma individual, mas o amor só pode ser perfeito em relação, pois amar é amar algo. Se Deus ama o imperfeito ele se desfaz, se reduz para poder estabelecer contato com a humanidade.

A encarnação de Cristo é um exemplo disso, pois um Deus perfeito, infinito, plenipotente e onisciente entra em contato com os seres humanos para sofrer (leia-se amar). Um ser que carrega em seus atributos todas as virtudes em sua maior escala se colocou em uma situação de subalterno à humanidade, mesmo sendo ela formada por seres limitados, fracos, frágeis e insuficientes.

Uma divindade, para poder convencer as pessoas, precisa representar do melhor modo possível as qualidades desse grupo, logo a ideia de amar a humanidade ou sofrer com as pessoas passa a ser fundamental para que essa ideia de um Deus crie raízes nas consciências. O ser humano vai padecer, mas não sozinho, pois a divindade passará ou passou por isso também, por mais incrível que essa entidade seja ela sente o mesmo que o humano. É preciso ter clareza que, segundo Feuerbach (2013, p. 88), “Deus sofre não significa em verdade nada mais que: Deus é um coração. O coração é a fonte de sofrimento”. A divindade é um espelho da humanidade, pois tudo bem passar por essa dor, sendo que até o maior ser que se consegue conceber racionalmente também passou. Existindo uma divindade que sofre como ou com os indivíduos, há uma legitimação ou naturalização do sofrimento.

A essência humana se apresenta na humanidade em geral, para uma consciência que não está entorpecida, mas caso o indivíduo esteja envolvido no discurso religioso ultrapassa o racional, não é só racional, também é emocional. O homem completo pensa e sente, logo Deus precisa pensar e sentir, sem um abismo, representando bem ambos. Deus precisa ser um diálogo com a face racional e sentimental do ser humano, o ser humano completo é racionalidade e sentimento, Deus precisa atender essa demanda. Se Deus fosse só sentimento ou só razão não teria como essa imagem dialogar com as pessoas.

A transferência das qualidades humanas para um Deus acaba por esvaziar o ser humano, o indivíduo será cada vez menor ao passo que a divindade será cada vez maior. O ser humano possuidor de uma consciência alienada olha para si mesmo e só enxerga limitações, olha para as pessoas ao seu redor e só enxerga fragilidades, mas olha para sua divindade e só se depara com qualidades e virtudes. O sujeito que nada sabe, que não confia na sua razão e se sente um grande pecador, ou seja, praticante de desrespeitos às leis da religião, só pode olhar para o seu Deus e encontrar nele a plena virtude, sabedoria e bondade. Segundo Feuerbach,

quanto mais vazia for a vida, tanto mais rico, mais concreto será o Deus. O esvaziamento do mundo real e o enriquecimento da divindade é um único ato. Somente o homem pobre possui um Deus rico. Deus nasce do sentimento de uma privação; aquilo de que o homem se sente privado (seja esta uma privação determinada, consciente ou inconsciente) é para ele Deus. Assim, o desesperado

sentimento do vazio e da solidão necessita de um Deus no qual exista sociedade, uma união de Seres que se amam intimamente. (FEUERBACH, 2013, p. 97).

O indivíduo se enxerga como pequeno para que o Deus seja grande; o ser humano se entende como impotente para que o Deus tudo possa; o sujeito se enxerga como ignorante para que o Deus tudo saiba; a pessoa se enxerga como egoísta para que o Deus seja o altruísta. Esse movimento é limitante da ação humana, mas como Deus transcende a capacidade racional e afetiva, nele tudo torna-se possível e sumamente bom.

Essa ideia de insuficiência humana também pode ser vista no modo com que as pessoas se relacionam com o mundo. O planeta terra – e a vida nele – é mal visto, pois é um breve momento marcado por muitos problemas e sofrimentos, logo, deve haver um outro plano em que eu possa encontrar todas as pessoas que se dedicam à religião, neste outro plano a existência será muito melhor e feliz. Cada religião projeta um paraíso, do mesmo modo que tem a liberdade para criar uma divindade.

As limitações que a consciência alienada entende como sendo dos indivíduos são resolvidas com a ideia de um Deus, mas os problemas entendidos como característicos do mundo são solucionados com uma ideia de paraíso, ou simplesmente além vida. Em Deus o indivíduo encontra tudo o que não é e no pós-morte encontra tudo o que não existe, ao menos não tão perfeito, neste plano ou nesta vida.

O indivíduo que consegue ser um bom representante da sua religião conseguirá estar mais próximo da divindade que lhe foi apresentada pelo discurso religioso. Deste modo, segundo Feuerbach (2013, p. 116), “o céu é tão rico quanto a terra. Tudo que existe na terra existe no céu, tudo que existe na natureza existe em Deus. Mas aqui é divino, celestial, lá terreno, visível, exterior, material, mas o mesmo”. Estar no paraíso é purificar-se, de maneira que todas as características que o indivíduo possui, mas são tidas como inferiores, não estarão com ele no paraíso. O indivíduo acredita que somente as suas virtudes estarão presentes no pós-morte e será um ambiente maravilhoso.

A consciência humana que se autorreflete não tem mais nenhum passo a dar depois da ideia de Deus, pois essa ideia é o melhor projeto racional, é a melhor reunião das qualidades humanas, o conjunto das melhores virtudes, ao mesmo tempo que no paraíso experimentasse a vida sem as atribulações da matéria, sem as carências da matéria, sem as impurezas deste mundo. A consciência alienada olha para algumas qualidades e prazeres deste mundo e afirma que no pós-morte só teremos esta respectiva experiência, esta vida é uma mistura de momentos de alegria e de tristeza, mas no paraíso só haverá bonança. Na ótica de Feuerbach:

Deus é o último limite da abstração. Aquilo de que eu não posso mais abstrair, é Deus - o último sentimento que sou capaz de compreender – o último, i.e., o mais elevado. [...] Na personalidade de Deus o homem festeja o sobrenaturalismo, a imortalidade, a independência e a ilimitação da sua própria personalidade. (FEUERBACH, 2013, p. 118).

A consciência alienada não reconhece que, segundo Feuerbach (2013, p. 124), “a crença em Deus nada mais é do que a crença na dignidade humana, a crença no significado divino da essência humana”, portanto acaba por projetar, desejar ou imaginar uma divindade e um paraíso. Libertar-se das fantasias é perceber que tudo a que se dedica tempo sonhando, na verdade a humanidade já possui.

O ser humano já é tudo que sonha, mas há uma cortina de fumaça à sua frente que o impede de ver com clareza, a teologia é um instrumento que embaça a visão do humano sobre si mesmo. É preciso desembaraçar a ideia que a humanidade faz sobre si mesma para que se possa compreender todo o seu poder, toda a sua virtude. A capacidade humana é tão grande que conseguiu criar um perfeito, mas o seu erro foi permitir-se ser controlada por ele.

Primeiramente o homem cria Deus sem saber, sem saber e querer, conforme a sua imagem e só depois Deus cria o homem, sabendo e querendo, conforme a sua imagem. [...] Daí o princípio da mediocridade teológica de que a revelação de Deus caminha *pari passo* com o desenvolvimento da espécie humana. Naturalmente, pois a revelação de Deus nada mais é do que a revelação, o autodesdobramento da essência humana. (FEUERBACH, 2013, p. 134).

Se o ser humano não soubesse o quanto é poderoso, não conseguiria criar uma divindade à sua imagem e semelhança; se houvesse um total desconhecimento da humanidade sobre sua essência, o ser humano não conseguiria projetar tantas virtudes em um ser externo. O problema é em compreender quem é o verdadeiro portador de tantos atributos positivos, segue-se daí que a cada passo que a humanidade dá em direção à compreensão sobre quem é Deus, na verdade é mais um progresso rumo à compreensão sobre o que é o ser humano. Por não enxergar a sua essência ou não ter orgulho dela, o ser humano acabou delegando a um outro ser tudo aquilo que nele próprio se tem de melhor.

A ideia de uma divindade que tem um perfil também sentimental é fundamental para cativar e suprir eventuais carências afetivas que surjam no indivíduo, pois ao olhar para o mundo ao redor e estabelecer que não é possível confiar plenamente nas pessoas ou que a ajuda delas sempre será insuficiente, a certeza que tem uma entidade que nunca abandonará, sempre te amará e cuidará de ti, torna-se algo extremamente forte. Toda privação ou ausência de sentimento que uma pessoa encontra na relação com outrem, em Deus tudo será saciado. A consciência alienada só encontra abundância nos sentimentos divinos.

Deus é amor que satisfaz os nossos desejos, as nossas necessidades afetivas. Ele é o desejo realizado do coração, o desejo elevado à certeza da sua realização, à sua validade, à indubitável certeza diante da qual não se mantém nenhuma contradição com a razão, nenhuma objeção da experiência, do mundo exterior. (FEUERBACH, 2013, p. 137).

O movimento verdadeiro da consciência deveria entender que a afirmação “Deus é amor” quer concluir efetivamente que o ser humano tem um poder divino ou que os desejos mais íntimos do ser humano são uma força divina e ilimitada. O amor em si é divino e não depende que a imaginação crie uma entidade supranatural para ser o portador dele ou o melhor para praticá-lo.

Este processo de desmistificação expõe que a ideia de um Deus é alicerçada nas virtudes humanas. Deus é um recipiente vazio que é preenchido com tudo que é sabido sobre a humanidade, o tamanho desse recipiente será proporcional ao que os seres humanos sabem sobre sua essência e a teologia é o que organiza os conteúdos dentro desse reservatório.

O conhecimento sobre Deus depende do conhecimento obtido sobre o ser humano, a teologia não pode elogiar sem se apropriar do conhecimento antropológico. A teologia tem como missão organizar o conhecimento sobre o ser humano com um caráter suprasensível e transcendente.

Existindo assim um oportunismo no discurso teológico, pois a divindade se comportará da mesma forma que a imaginação definir que se comporta. Se uma divindade é um fruto da razão ou da imaginação, segundo Feuerbach (2013, p. 143): “Se pensas que ele está irado contigo, ele está. Se pensas que ele é impiedoso contigo e deseja te lançar no inferno, ele assim é. Como crês Deus, assim o tens. [...] Se o crês, o tens; se não crês, assim não o tens. Como cremos, acontece conosco”. Em Deus o indivíduo terá tudo que acha que merece, pois a imaginação não se limita às barreiras do mundo sensível, Deus é, está ou proporciona o que as ilusões do sujeito elaborarem.

A história das religiões aponta para isso, pois quando a religião entender que é preciso que as pessoas façam algo ou simplesmente obedeçam, quem está pedindo é a divindade; quando é necessário que as pessoas tenham medo, foi um aviso ou castigo divino. A conduta divina estará sempre em sintonia com o interesse da religião.

Como a divindade é uma conexão entre sentimentos e razão, a capacidade argumentativa da religião pode exercer influência em diversas esferas da vida dos indivíduos e de suas respectivas consciências alienadas, incluindo a defesa de um mundo transcendente, que seria

muito melhor que o atual. Havendo assim a capacidade religiosa de deliberar sobre a vida e uma eventual pós-vida.

Atestando a relação entre divindades e humanidade ou teologia e antropologia, basta verificar que existe uma semelhança grandiosa entre seres supranaturais e humanidade, pois tudo que não se conhece por identificação é simplesmente mistério. A divindade é uma analogia da sociedade em que ela é produzida, a consciência alienada estabelece uma correspondência entre pessoas e deuses a partir do que sabe sobre si mesma, a teologia é um malabarismo metafísico sobre a argumentação antropológica. Se as entidades metafísicas são tudo que os humanos são, só se pode pensar nestes entes à medida que pensamos a humanidade, pois é um processo de associação.

Mas o conceito da divindade coincide com o conceito da humanidade. Todos os atributos divinos, todos os atributos que fazem de Deus um Deus são atributos específicos, restringidos ao indivíduo, mas cujas restrições são anuladas na essência da espécie e até mesmo na sua existência (na medida em que possui a sua existência correspondente em todos os homens juntos). [...] “Essência e existência são idênticas em Deus”, isto nada mais significa a não ser que ele é o conceito genérico, a essência genérica imediata e ao mesmo tempo como existência, como entidade particular. O mais elevado pensamento sob o ponto de vista da religião. (FEUERBACH, 2013, p. 164-165).

A ideia de divindade é a projeção religiosa do que a humanidade domina sobre sua essência, ou seja, Deus é uma tentativa de sintetizar, de modo transcendente, o conhecimento que o humano tem sobre seu gênero. Enquanto há possibilidade de uma correlação entre humanidade e divindades, a teologia explica o transcendente facilmente, mas quando a comparação encerra só restam enigmas, ou seja, enquanto houver elementos da essência do gênero humano para que a teologia possa exercer o seu discurso, haverá explicações sobre divindades, mas quando esgota-se o saber sobre a humanidade, não há mais espaços para correspondências e, conseqüentemente, só restam incógnitas.

Na linha de raciocínio da religião precisa existir uma dependência de Deus, ele sempre será um último recurso. O contexto obscurantista do pensamento religioso oferece um cenário confortável para que seja possível o constante auxílio da ideia de um Deus como resposta às questões que surjam, de modo que não se diz nada ao recorrer a uma ideia ilusória, mas aparentemente o problema está resolvido, ao menos para a consciência alienada. Na ausência de provas claras, o mistério que cerca a divindade preencherá esta lacuna.

A ideia de uma divindade é uma flor que nasce no solo da ignorância, pois na ausência de conhecimento recorre-se a algum ente transcendente. A consciência alienada precisa do conforto oferecido pela concepção feérica e ilusória. Diante do desconforto produzido pela

dúvida, confrontando a vastidão do desconhecimento apela-se a ideias transcendentais, ou seja, encontra-se alívio na ilusão.

Deus não existe por si, mas por causa do mundo, só existe para explicar a causa primeira do mundo-máquina. O homem racional limitado se choca com a existência do mundo originalmente autônoma porque ele só a considera sob o ponto de vista subjetivo-prático, só em sua generalidade, só como uma máquina, não em sua majestade e imponência, não como cosmos. Por isso ele se choca com o mundo. O choque sacode o seu cérebro – e nesta sacudida ele objetiva então para fora de si o próprio choque como o choque original que lançou o mundo na existência, a ponto dele agora continuar eternamente o seu curso como a matéria posta em movimento através do choque matemático, i.e., ele concebe uma origem mecânica. Uma máquina deve ter um início, isto já reside no seu conceito, pois não tem em si a fonte do movimento. (FEUERBACH, 2013, p. 198).

A consciência alienada sente-se insignificante ao defrontar-se com a grandeza do mundo e a imensidão do universo. O planeta e o universo não podem ser tão esplêndidos assim, pensa a consciência alienada, para que sejam desse modo deve haver um ser que criou tudo dessa forma, uma entidade que seja superior ao cosmos e a mim mesmo. A consciência mergulhada no pensamento religioso sabe que existe, mas não entende o porquê da sua existência, assim como a linha causal do cosmos, desta forma a resposta satisfatória para este indivíduo é refugiar-se na ideia de Deus.

O pensamento religioso está interessado em oferecer felicidade, mas uma felicidade em sintonia com a ignorância, pois a transcendência responde qualquer desconhecimento que surja, destarte não é preciso angustiar-se caso apareçam novos problemas. A consciência embalada pela teologia encontra respostas para todas as perguntas e vive o bem-estar desta condição, não importa aqui a veracidade, mas a tranquilidade da situação. A consciência alienada tem na ideia de Deus uma canção que acalanta e proporciona um sono sossegado, pois tem a certeza de que na teologia tudo será respondido, não há embaraço que não se torne claro, sempre haverá um recurso mágico para, aparentemente, resolver qualquer questão que se imponha. Toda lacuna teórica pode ser preenchida teologicamente, desta maneira a condição de inferioridade humana perante o transcendente nunca deixará ser um estado da consciência infantilizada pela religião.

A prática religiosa reflete uma marginalização ou inferiorização do ser humano, um processo de desdém praticado consigo mesmo, pois o ser humano cria a religião e não o contrário. Significa dizer que a consciência alienada do humano cria a religião e projeta seres supremos e imaginários incumbidos de governar os indivíduos. Processo que acontece fruto do desconhecimento que os seres humanos têm de si mesmos. A humanidade está perdida dentro de si, ou melhor, desorientada na alienação de si, pois as divindades que tudo governam são na

verdade uma afirmação de que os humanos a tudo governam sem saber, desconhecimento da sua própria força.

Toda qualidade ou atributo que o ser humano confere a algum Deus é uma autoatribuição. A consciência alienada desconhece a sua potência e se inferioriza, mas sem saber elenca toda sua capacidade, pois o ser chamado de Deus carrega em si todos os poderes que pertencem verdadeiramente aos humanos ao mesmo tempo que representa todo poder humano, porque mesmo sem existir, um Deus simboliza (em sua abstração, perfeição, infinitude, bem e racionalidade) o quão formidável pode ser o gênero humano. Deste modo, Deus é a humanidade ou a humanidade é o Deus verdadeiro, tanto fala-se em idolatria a falsos deuses, sem perceber que todas as religiões seriam idólatras, o “Egoísmo” enquanto gênero humano seria a verdadeira religião.

Enquanto a consciência não sai de sua infância e supera a alienação inerente ao pensamento religioso, há um processo de convencimento de que existem seres transcendentais e que eles são portadores de virtudes deveras superiores às dos humanos. Sustentar ilusões é uma circunstância difícil e se faz necessário criar bases de sustentação para que elas perdurem. Segundo Feuerbach:

As provas da existência de Deus têm por meta exteriorizar o interior, separá-lo do homem. Através da existência torna-se Deus uma coisa em si. Deus não é somente um ser para nós, um ser em nossa fé, em nossa afetividade, em nossa essência, ele é também um ser por si, um ser fora de nós (FEUERBACH, 2013, p. 205).

A religião arremessa a essência humana para fora do ser humano, a teologia opera um movimento que constrói uma situação em que o indivíduo se depara com a sua essência genérica como se fosse um outro ser. O ser humano em sua completude se depara com uma representação de sua essência e a compreende como outrem, pois nessa incompreensão de que contempla a sua própria essência tem-se uma identificação com a sua razão, sentimentos e demais elementos que a humanidade conhece sobre si mesma.

Deus reside no corte que divide o homem de si, a divindade é o resultado da ação humana de alienar o que tem de melhor e mais virtuoso em algo exterior, atribuindo a essas características o rótulo de infinito e eterno. O ser humano possui características próprias como justiça, amor e sabedoria e no instante que este as projeta fora de si, cria, usando a sua imaginação, um ser que recebe o nome de Deus, que por sua vez passa a existir de forma exterior ao criador iludido e alienado, torna-se ente, com identidade própria. Esta projeção é o gesto humano de alienar o melhor de si em Deus.

Apesar de existirem subterfúgios para tentar cravar irreversivelmente a ideia de que divindades existem e há provas que atestam esta afirmação, inevitavelmente permanece claro o fato de que seres transcendentais são contraditórios, pois são seres sensoriais que são desprovidos das capacidades sensoriais. Deus, essa ideia incoerente que a religião insiste em dar vida, não tem sensorialidade real e conseqüentemente não pode ter os atributos que lhe são atribuídos, a consciência precisa abandonar este penduricalho.

Uma consequência necessária desta contradição é o ateísmo. A existência de Deus tem a essência de uma existência empírica ou sensorial em, entretanto, possuir os sintomas da mesma; ela em si uma questão de experiência e, no entanto, não é um objeto da experiência na realidade. Ela própria exorta o homem a procurá-la na realidade; ela o fecunda com ideias e pretensões sensoriais; mas se estas não são satisfeitas, se ao contrário encontra ela a experiência em contradição com estas ideias, então é ele totalmente justificado para negar esta existência. (FEUERBACH, 2013, p. 206).

O ateísmo é o caminho para a superação do estágio infantil da consciência, se o ser humano quer evoluir precisa exercitar a descrença em ilusões e fantasias e começar a acreditar mais em seus próprios atributos. No momento em que as consciências alienadas deixarem de depositar confiança em elementos transcendentais e olharem para o mundo ao seu redor, identificando que as características que seriam de entes supranaturais são verdadeiramente da humanidade, nesse momento haverá uma passagem de nível, uma evolução da consciência.

A operação feuerbachiana, segundo Romero Venâncio (2010, p. 142), é fazer com que cada ser alienado tome consciência de si, logo deixará de ser alienado e não mais se anulando diante de fantasias. Para que isso aconteça, é preciso que todo indivíduo alienado se reaproprie da sua própria mente, pondo fim a qualquer aspecto da dominação divina, isso seria a cura da separação de si mesmo. Tornar-se consciente é emancipar-se da religião e recuperar a essência, antes projetada na figura ilusória de algum Deus.

Não deve existir uma “coisa” governando a mente dos seres humanos, o gênero humano é virtuoso e pode fazer a gestão de si mesmo. Sendo assim, é preciso reestabelecer tudo o que foi transferido, pois não faz sentido criar uma fantasia e solicitar que esta governe as suas ações. Por meio da sua teologia, a religião faz exatamente isso, promove que devaneios estabeleçam o governo da vida dos seres humanos.

Instaurou-se a crença de que a condição para que um indivíduo seja virtuoso é que este demonstre algum tipo de reverência a algo sobrenatural e sagrado, mesmo que este estado anule ou rebaixe o indivíduo a uma situação de impotência. Esta conduta incongruente carece do seu desmascaramento, ou seja, para que a sociedade vivencie a sua essência genérica é importante

que o ateísmo seja compreendido como um elemento básico de exercício das virtudes humanas, pois não havendo um mundo da imaginação ou algum pretexto mágico e fictício o ser humano poderá entender-se enquanto verdadeiro proprietário de todas as qualidades que anteriormente eram relegadas a seres transcendentais e suprassensíveis.

O indivíduo inculto não consegue reconhecer que divindades, suas manifestações e revelações, são de fato uma demonstração executada pela imaginação ou, ainda, fruto da sua razão alienada. Toda expressão tida como divina não passa de uma atividade da consciência em autodiálogo, “o homem concilia através de Deus a sua própria essência consigo mesma – Deus é o elo personificado entre a essência, o gênero e o indivíduo, entre a natureza humana e a consciência humana” (FEUERBACH, 2013, p. 211). A pessoa que está desorientada e sentindo a necessidade de alguma ajuda recorre à sua imaginação em busca de respostas. A consciência alienada não sabe dimensionar a grandeza do gênero humano, assim como compreender a essência genérica ou seu papel no coletivo, desta maneira Deus aparece como uma bússola que indica um caminho seguro.

A retórica religiosa pode agir calmamente porque oferece um panorama sobre este mundo e um outro mundo, o da fantasia, e se protege afirmando que a limitação humana não consegue decifrar além desta fronteira, ou seja, a teologia se coloca como o instrumento de compreensão do limite da razão humana.

A consciência alienada encontra uma fonte de conforto nas ideias confusas produzidas pela religião, assim sendo não é preciso questionar-se porque elas são confusas, basta aproveitar a felicidade, ou seja, “a religião é a luz do espírito que se refrata no meio da fantasia e da afetividade e que contempla o mesmo ser como duplo” (FEUERBACH, 2013, p. 226). Como se rebaixou anteriormente, o indivíduo olha para as barreiras produzidas pela sua própria imaginação e as compreende como intransponíveis, ou seja, a ideia de uma divindade e todo o contexto de sua justificação não passam de ilusões autoproduzidas, de tal modo que aparecem como enigmas insolúveis.

A consciência alienada só concebe uma personalidade divina porque existe uma personalidade humana, Deus deve agradecer ao ser humano por viabilizar uma essência que pôde ser exteriorizada e objetificada. Deus é uma projeção humana que ganha autonomia sobre a própria humanidade, ou seja, a autarquia divina se dá por uma situação realizada pela humanidade. De acordo com Feuerbach:

Só as diversas qualidades do homem estabelecem a diversidade, a base da realidade em Deus. As qualidades físicas do homem transformaram Deus num ser físico – num Deus-pai que é o criador da natureza, i.e., que é a essência personificada, humanizada

da natureza -; as qualidades intelectuais transformaram-no num ser intelectual; as morais, num ser moral. A desgraça do homem é o triunfo da misericórdia divina; a vergonha dos pecados é o prazer da sacralidade divina. Vida, fogo, afeto só chegam a Deus através do homem (FEUERBACH, 2013, p. 229).

Todo elemento sobrenatural não seria nada se não fosse a humanidade, o pensamento saiu dos trilhos e dedicou-se à construção de ilusões. Tudo que existe só pode ser na natureza, nada é fora ou além da natureza, mas a consciência alienada não percebe a ficção de suas reflexões. Os caprichos fantasiosos da consciência alienada não podem continuar sendo alimentados, se faz necessário que a humanidade pense a si mesma, que ela entenda que os atributos tidos como divinos são na realidade humanos.

A condição humana é furtada para um joguete teológico, pois tudo que é humano é relido na religião como sobre-humano ou atende a algum interesse divino. Falta orgulho ao gênero humano, pois não se consegue perceber que não há um transcendente a quem se pode recorrer nas situações de adversidade, o ser humano deve recorrer aos seus próprios atributos, porque não existe nada maior que a sua essência genérica.

O ser fruto da alienação humana, Deus, possui todas as qualidades que os seres humanos gostariam de possuir, embora não as possuam individualmente, as possuem enquanto gênero humano. Um elemento interessante é que cada povo tem o seu Deus, sempre partindo dos valores que mais enaltecem, mais se alegram, mais admiram. Ao mesmo tempo que o ser humano admira os atributos do seu Deus, não percebe que ele mesmo os tem, enquanto indivíduo ou enquanto gênero humano.

As características que um determinado povo entende como mais nobres são alienadas nas suas divindades, por exemplo se um povo é pacífico ou deseja aparentar ser, o seu Deus será a objetificação da paz, conseqüentemente essa sociedade tentará copiar a perfeição do Deus que ela mesma criou. Constrói-se uma espécie de círculo vicioso gestado no desconhecimento que a humanidade tem de si mesma, um desconhecimento fruto da inferiorização humana. Os sentimentos considerados como positivos, como o amor, são grandiosos porque atribuímos a Deus essa grandeza, mas esse ser não existe ou, se preferir, foi criado pela humanidade, esta sim que verdadeiramente ama, mas por não conceber sua própria potência, afirma que somente um Deus pode amar infinitamente, enquanto este é um gesto tipicamente humano.

As honras e glórias rendidas a Deus ou outras quimeras são um desperdício, pois quem realmente as merece é o ser humano. A autonomia atribuída a Deus deve ser reestabelecida e a humanidade seguir o seu curso sem apoiar-se em devaneios. Se não há um sobrenatural e tudo que era entendido como atributo divino, mas não era, então não existem motivos para que a

humanidade se prive de exaltar-se, entendendo o quão excelente e sublime é sua essência genérica.

A religião é uma produtora de alucinações que tenta justificar-se por intermédio da teologia, ou seja, o pensamento religioso é a tentativa de provar a irrealidade como algo verídico. Conforme Feuerbach (2013, p. 233), não existem elementos na realidade que possam legitimar a crença no que está além da natureza. Se Deus é uma ideia desconexa e incongruente é preciso abandoná-lo, o indivíduo não pode ter convicção em fantasias e ilusões, a experiência nega a existência de divindades.

Por meio da fé o indivíduo cria uma conjuntura em que parece ser razoável acreditar na existência de abstrações que não têm conexão com a experiência. O bom senso esbarra na ausência de provas para defender os conceitos produzidos pela teologia, pois são crenças desvinculadas do mundo sensível. O movimento para tentar entender o ‘como?’ e o ‘por quê?’ colide em barreiras levantadas pela teologia, bloqueios intitulados como mistérios divinos que a razão humana não tem a capacidade de apreender.

A fé é a naturalização do absurdo, pois por conta dela o contrassenso é instaurado como costumeiro. A fé prescreve a inversão da orientação humana, nela o gênero humano está perdido, o caminho que deveria ser trilhado é transposto e dedica-se à construção de ficções autônomas, não se sabendo mais o que é fábula e o que é realidade. Para Feuerbach:

A fé é o poder da imaginação que transforma o real no irreal, o irreal no real – a contradição direta com a verdade – a contradição direta com a verdade da razão. A fé nega o que a razão afirma e afirma o que ela nega. [...] A destruição da verdade não afetiva, da verdade da realidade, do mundo da razão objetiva – uma destruição na qual consiste a essência da fé (FEUERBACH, 2013, p. 242).

O ateísmo é assim o caminho mais sensato a ser seguido, pois nele a essência genérica do ser humano não é desvalorizada e os atributos humanos recebem o seu devido apreço. Uma postura ateísta não viabiliza que o ser humano seja controlado por ilusões que ele próprio criou, desta maneira a consciência humana sairá da sua infância e poderá executar a sua verdadeira potência, ou seja, o gênero humano não terá mais uma visão turva que troca realidade por irrealidade e o contrário, sabendo assim o que é verdade e o que é fantasia.

Diante da cisão do homem de si mesmo, operada pela religião, só o ateísmo conseguiria reestabelecer a saúde desta consciência dividida, ou seja, deixar de lado a crença no sobrenatural é a solução para o problema da separação do homem da sua essência genérica. Sem superar a fé, a humanidade jamais se reaproximará do seu âmago alienado em Deus.

O reconhecimento dos problemas causados pela religião, quer seja sua produção teológica ou sua fé, é passo importante no progresso da humanidade, pois o estranhamento entre indivíduos ou povos pode ser sanado, assim como as demais causas de divisão porque as pessoas não se entendiam como iguais, seus deuses lhe comandavam no sentido da promoção de atritos entre tudo que aparecia como diferente, embora fossem iguais.

A humanidade precisa olhar para os seus deuses e compreender que eles não são nada além da sua essência projetada em outrem, deste modo se reapropriando dos seus atributos antes conferidos a entidades sobrenaturais. Este movimento de apoderamento de si próprio dissipa o obscurantismo religioso e o cenário de mistério ou fantasia que a religião deseja promover.

O mistério secreto da religião é a unidade da essência divina com a humana – mas a forma da religião ou a essência revelada, consciente da mesma é a diferença. Deus é a essência humana, mas sabida como uma outra essência. Mas é o amor que revela a essência oculta da religião, é a fé que compõe a forma consciente. O amor identifica o homem com Deus, Deus com o homem, portanto, o homem com o homem; porque Deus nada mais é que o conceito genérico místico da humanidade, a separação de Deus do homem é, portanto, a separação do homem, do homem da dissolução da união comunitária. Através da fé a religião se coloca em contradição com a moralidade, com a razão, com o simples senso de verdade do homem; mas através do amor ela se compõe novamente a esta contradição. A fé isola Deus, ela o transforma num outro ser, especial; o amor generaliza; ele transforma Deus num ser comum, cujo o amor é idêntico ao amor ao homem. A fé transforma a fé em seu Deus numa lei; o amor é liberdade, ele não condena nem mesmo o ateu porque ele mesmo é ateu, mesmo que nem sempre negue teórica mas praticamente a existência de um Deus especial, oposto ao homem. (FEUERBACH, 2013, p. 246).

A consciência alienada usa os recursos que estiverem à sua disposição para tentar continuar acreditando ou justificando essa situação atribulada e incoerente que é a crença no sobrenatural. A fé tenta se colocar como capacidade de discernimento ou racionalidade e o amor, transfigurado pela religião, aparece como outro elemento que tenta sustentar a crença no sobrenatural, ou seja, a fé e o amor religioso, por meio da religião, são pilares de um contrassenso chamado teologia, assim como de toda ficção que esta tenta produzir em divindades, paraísos e demais devaneios.

A religião cria a ideia de que existe o sobrenatural e nesse reino do suprassensível há um ser supremo, que é Deus. Deus é o superlativo do que a humanidade sabe sobre si, ou seja, o que o gênero humano aprendeu sobre sua própria identidade, em Deus tudo está disposto de forma especial e excelente. A ideia de Deus é elaborada por conta do roubo da autenticidade humana, movimento arquitetado pela religião, e a fé é o enaltecimento da ideia de Deus, pois este lhe aparece como um outro exímio.

A fé tem como uma das suas características a construção das leis que o crente deve seguir, como são leis elaboradas na relação ou revelação da divindade, estas leis são sagradas e especiais e devem separar os que creem dos que são descrentes. O indivíduo que aceita a fé será mais ilustre do que os que não aceitam, visto que será proprietário de mais virtudes, ao mesmo tempo que se evidencia a sua diferença dos demais seres vivos. Resultado do afastamento entre os crédulos e incrédulos, em decorrência das santas normas, tem-se a perseguição, condenação ou outros conflitos entre as pessoas, pois a visão embaçada pela fé não consegue enxergar que são todos iguais e esses atritos em decorrência da fé não passam de uma cisão incoerente entre o gênero humano e a sua essência.

O amor, mesmo deformado pela religião, é um instrumento que tenta sanar parte dos problemas causados pelo pensamento religioso, pois a grandeza dessa virtude pode criar vínculos onde a fé criou obstáculos, ou seja, a fé criou separações entre os humanos e a objetificação da essência genérica em Deus, mas o amor, por ser em si ateu, é a liberdade e a busca pela conciliação entre o que foi afastado pela lei sagrada. O amor pode ser um recurso que articula a reconciliação porque ela não depende de nada, assim como ele iguala o que aparece como diferente, isto é, o amor é em si autônomo e sublime, por meio dele crentes, Deus e descrentes são igualados.

A teologia tenta vincular a ideia de que o amor é um apêndice de Deus, mas a realidade aí está invertida pelo discurso religioso, pois mesmo que se tente justificar o amor como atributo divino, a prática do amor evidencia que esta virtude não depende de nenhuma divindade para poder ser o que é. Algo que a religião não consegue esconder é o fato de que é possível pensar o amor sem Deus, mas a recíproca não é verdadeira, a partir disso fica claro que o amor é um atributo propriamente humano e não tem vínculos com nada sobrenatural, a não ser as ligações imaginárias esboçadas pela religião.

A desmistificação da religião é a compreensão de que a consciência de Deus não é verdadeiramente dele, mas sim consciência humana, a partir disso entende-se que o homem não é a imagem de Deus, porém Deus é a imagem humana. Devido a esta compreensão é possível superar a alienação e retomar o controle da consciência, encerrando a dominação imaginária de que o sobrenatural opera sobre o natural. Basta reincorporar a essência genérica projetada na divindade que a humanidade havia criado, ou seja, é preciso encerrar a separação que o ser humano fez de si mesmo, emancipando-se das ilusões criadas pela religião.

A abstração objetificada que o ser humano faz de si mesmo impossibilita que este reconheça-se, assim como impossibilita o conhecimento da realidade, pois a sua própria identidade aparece como sobrenatural e se estabelece uma confusão entre o que seria e não seria

fantasia. A religião aparece aqui como este instrumento que entorpece os sentidos, inviabilizando o autoconhecimento e acaba por distanciar a humanidade do mundo e de si mesma, pois o real, concreto e material, perde sua significação verdadeira para a consciência alienada que se volta para o ilusório reverberado pela religião.

A fé e o amor seguem caminhos contrários, são opostos. De acordo com Feuerbach (2013, p. 254), a primeira busca ilusões, enquanto a segunda anseia ao encontro entre as pessoas. Na religião o amor retém a fé ao mesmo tempo que a fé reprime o amor, pois o amor é universal enquanto a fé é particular. A força da fé consiste no seu descolamento da natureza para assim poder se retroalimentar e autopromover, se colocando como a fonte de felicidade eterna ao mesmo tempo que afirma possuir as respostas de todas as perguntas. O amor é autossuficiente, no sentido de que a coisa mais divina que conhece é a si mesmo, negando a existência de divindades e afirmando a força e grandeza do ser humano.

O gênero humano em seu pensamento, sentimento e vontade deve ater-se a si mesmo, tomar-se como objeto de si e desistir das ilusões religiosas. A humanidade paga um preço muito caro para alimentar ilusões, criadas pela consciência alienada, e fazer com que estas tomem o lugar da realidade, a troca do natural pela ficção sobrenatural é um empecilho para o desenvolvimento humano.

A fé e todas as suas promessas deixam o indivíduo desamparado para depois oferecer algum abrigo, para o bem coletivo ela pode ser desconsiderada. O verdadeiro lar da humanidade está na razão e no amor, por conta deles o gênero humano pode usufruir a sua verdadeira essência genérica.

O mistério da teologia é a antropologia, que a essência divina é a humana. Mas a religião não tem a consciência da humanidade do seu conteúdo; ela antes se opõe ao humano ou pelo menos não confessa que o seu conteúdo é humano. A mudança necessária da história é, portanto, essa confissão aberta, de que a consciência de Deus nada mais é que a consciência do gênero, que o homem pode e deve se elevar acima das limitações da sua individualidade ou personalidade, mas não acima das leis, das qualidades essenciais do seu gênero, que o homem não pode pensar, pressentir, imaginar, sentir, crer, querer, amar e adorar como essência absoluta, divina, a não ser a essência humana. (FEUERBACH, 2013, p. 267).

Na religião, Deus usurpou a essência humana e depois a restaura como não a tivesse tirado, ou seja, só é possível pensar uma divindade por conta do entendimento do que é o ser humano e o seu âmag, a ideia de um Deus só ocorre devido à transfiguração do que se sabe sobre a humanidade. A religião provoca um engano sobre quem é o ser humano e depois, por meio da teologia, afirma poder oferecer a resolução da falta de entendimento que ela mesma provocou.

A religião se aproveita do equívoco do ser humano sobre sua própria essência para inserir um intermediário nesse contexto, isto é, Deus aparece como um mediador entre um indivíduo e outro indivíduo, atordoando as consciências de modo que se distanciem e não saibam reconhecer a sua própria essência personificada em outrem. Graças a Deus muitos absurdos podem ser realizados, pois a partir desse intermediário ilusório a teologia pode justificar e sacralizar injustiças, imoralidades e toda forma de humilhação que entender como conveniente. Ao afirmar que algo tem conexão com o divino, a teologia sente-se confortável para promover qualquer tipo de contrassenso à humanidade, a fé quebra as barreiras do contraditório e só se preocupa com os pretextos para que continue habitando as consciências incultas.

Sendo assim, conclui-se que é preciso superar o intermediário criado pela fantasia religiosa para que o ser humano possa olhar para sua própria identidade, entendendo todo o empoderamento do gênero humano. Desta forma, será entendido coletivamente que toda teologia é na verdade uma antropologia, os indivíduos não precisam compreender que não há sentido em depositar as suas energias em entidades suprassensíveis, pois elas não existem, isto é, a verdadeira religião é o culto à humanidade, porque qualquer elemento que pode ser considerado como sagrado ou divino está na sua própria essência genérica, o gênero humano é o Deus de si mesmo. De acordo com Draiton Gonzaga de Souza (1993, p. 78), “a antropologia feuerbachiana caracterizar-se-á por uma desmitologização da teologia, através da redução da ideia de Deus e de todas as representações da dogmática cristã. O antropocentrismo de Feuerbach será, pois, um antropoteísmo: o homem é o único deus”.

O ateísmo antropológico de Feuerbach faz uma crítica à ideia de Deus que busca drenar as forças humanas e, de forma simultânea, exalta a capacidade infinita do gênero humano. O antropoteísmo feuerbachiano é a conclusão de que o discurso teológico não deve ser abandonado, mas restituído ao seu verdadeiro dono, que é o gênero humano. A atenção dedicada a Deus deve ser direcionada ao humano, este sim é o Deus que a teologia tanto buscou.

2.1 A INFLUÊNCIA FEUERBACHIANA

A filosofia feuerbachiana não tem a mesma fama ou popularidade de outros pensadores que lhe foram contemporâneos, incluindo a dupla Marx e Engels, que é o grande foco desta pesquisa a partir do próximo capítulo. Mas isso não significa dizer que ela não tenha deixado um legado à história da Filosofia, como afirma Urbano Zilles:

Tornou-se o pai do ateísmo moderno. Sua influência passa através de K. Marx, F. Engels, M. Stirner a F. W. Nietzsche até concepções imanentistas do homem nas filosofias contemporâneas, na ideia de que o homem só é o homem na relação com o tu anunciam-se, outrossim, motivos das filosofias da existência e do personalismo contemporâneos. (ZILLES apud SOUZA, 1993, p. 77).

O processo feuerbachiano de negar a um Deus transcendente para elevar o homem imanente, de reduzir a teologia à antropologia, é uma fratura do pensamento contemporâneo, como nos diz o Francesco Tomasoni (1993, p. 44), que marca uma tendência filosófica do século XIX. O antropoteísmo de Feuerbach foi um acontecimento importante, principalmente na obra *A Essência do Cristianismo*, segundo Engels.

Foi então que apareceu *A Essência do Cristianismo*, de Feuerbach. De repente essa obra pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono. A natureza existe independentemente de toda filosofia, ela constitui a base sobre a qual os homens cresceram e se desenvolveram, como produtos da natureza que são; nada existe fora da natureza e dos homens; e os entes superiores, criados por nossa imaginação religiosa, nada mais são que outros tantos reflexos fantásticos de nossa própria essência. Quebrara-se o encantamento: o “sistema” salva em pedaços e era posto de lado – e a contradição ficava resolvida, pois existia apenas na imaginação. Só tendo vivido, em si mesmo, a força libertadora desse livro, é que se pode imaginá-la. O entusiasmo foi geral – e momentaneamente todos nós nos transformamos em “feuerbachianos”. (MARX; ENGELS, 1963, p. 177).

A obra feuerbachiana forneceu uma crítica à alienação religiosa ao mesmo tempo que proporcionou uma antropologia e um humanismo, ou seja, ao criticar a religião, Feuerbach apresenta a necessidade de uma reforma da consciência, como é importante deixar as ilusões religiosas e dedicar-se à humanidade. Esta posição filosófica influencia o pensamento marxiano na sua busca pela reorientação da consciência humana, no projeto de libertar a humanidade de suas correntes, inclusive as transcendentais. Segundo Marx

Feuerbach é o único que tem para com a dialética hegeliana um comportamento sério, crítico, e [o único] que fez verdadeiras descobertas nesse domínio, [ele é] em geral o verdadeiro triunfador (Überwinder) da velha filosofia. A grandeza da contribuição e a discreta simplicidade com que F[euferbach] a outorga ao mundo estão em flagrante oposição à atitude contrária. (MARX, 2010, p. 117).

O naturalismo humanista de Feuerbach expõe que sua filosofia não pode ser vista simplesmente como uma passagem de Hegel a Marx, mas que há em seu pensamento algo de original e importante para o pensamento alemão. A crítica à religião na Alemanha se encerrou e deve ser entendida como o pressuposto de todas as críticas, segundo Marx (2013, p. 145), porque a partir de Feuerbach ficou evidente que só se pode conhecer a humanidade de modo imanente, partindo na natureza e negando o supranatural, ou seja, a antropologia feuerbachiana

apresenta a necessidade de superação da alienação da consciência e que o gênero humano seja a base da filosofia, pois o supracensível não passa de uma ilusão no interior dessa filosofia.

3 MARX: DO ATEÍSMO ABSTRATO À ECONOMIA POLÍTICA

As primeiras influências da crítica marxiana à religião, embora sejam pontuais e abstratas, sem vínculos com o comunismo, não vêm de Feuerbach, este filósofo vai à filosofia antiga para começar a perceber como a ideia da existência de deuses, desde a Antiguidade, exerce uma influência danosa aos indivíduos. A experiência mostra que o ser humano nasce para satisfazer-se dos prazeres da existência, mas como este movimento provocaria a ira dos deuses deve ser evitado. Os sentimentos que os deuses teriam em relação ao comportamento humano seriam os reguladores da liberdade, o medo provocado pela possibilidade de irritação das divindades freia as ações das pessoas. Segundo Lucrecio,

a ideia desses agentes tão poderosos sempre foi associada com o terror, seu nome sempre lembra ao ser humano suas próprias calamidades ou as de seus pais; nós trememos hoje porque nos fizeram tremer ontem e há milhares de anos. A ideia de Divindade sempre desencadeia em nós ideias aflitivas [...], nossos medos atuais e pensamentos lúgubres são suscitados em nosso espírito todas as vezes que tencionamos pronunciar o seu nome (LUCRÉCIO apud MARX, 2018, p. 129).

A tradição que afirma a existência de deuses é uma fonte de tristeza, pânico e infelicidade para os seres humanos, pois esses personagens mitológicos bloqueiam as fontes de felicidade e acorrentam os indivíduos, impossibilitando que quem acredita em seres transcendentais desfrute dos prazeres da vida.

Decorrente desta relação abusiva entre humanos e divindades tem-se o afastamento da racionalidade, pois pelo descolamento que os deuses têm da natureza, estes não podem ser compreendidos racionalmente, ou seja, a conduta divina é uma ficção que rebaixa a razão e torna-se algo que não pode-se conhecer, ao mesmo tempo que promove medo e angústia.

Fundando a moral sobre o caráter pouco moral de um Deus que muda de conduta, o ser humano jamais saberá a que se ater nem o que deve a Deus, tampouco o que deve a si mesmo ou o que deve aos outros. Portanto, nada mais perigoso do que persuadi-lo de que existe um ser superior à natureza, diante do qual a razão teria de se calar, diante do qual se deveria sacrificar tudo neste mundo para ser feliz (LUCRÉCIO apud MARX, 2018, p. 130).

A conjectura de seres supranaturais desconectados do mundo, além de ser um silenciamento da racionalidade humana, faz com a humanidade defina ao longo do tempo. A promoção de obstáculos às habilidades e vontades humanas não é positiva, transforma a vida em uma constante expectativa e pressão em não irritar aos deuses. Deste modo, a ação humana é sempre conduzida de forma aterrorizada pelo que se achou como bom ou mau de acordo com

as divindades, a razão perde seu lugar para alguma loteria de misericórdias e castigos. O ser humano condenou a sua própria vida a correntes e mordidas ao tentar viver de acordo com os deuses.

A fábula religiosa ganhou sofisticação ao longo da história, incluindo assim uma argumentação que busca de forma cada vez mais refinada provar que os deuses existem verdadeiramente, mas independentemente de quão rebuscadas sejam as tentativas de justificação de que os deuses são reais, ao mesmo tempo ocorre a afirmação do mundo, dito de outra forma, não passa de um jogo de palavras. Tenta-se subjugar a matéria ao rotulá-la como contingência e um Deus como ente necessário, mas isso não passa de retórica, é um discurso vazio que nada diz, pois um discurso que atesta a necessidade do universo e a contingência de divindades também é plausível.

As provas da existência de Deus não passam de tautologias vazias – por exemplo, a prova ontológica nada diz além disto: “o que represento para mim como real (realiter) é para mim uma representação real” que atua sobre mim, e nesse sentido todos os deuses, tanto os pagãos como os cristãos, tiveram existência real. [...] Se alguém imaginar que possui cem táleres, se essa representação não for para ele uma qualquer, uma representação subjetiva, se ele acreditar nela, os cem táleres imaginários terão para ele o valor de cem táleres reais. (MARX, 2018, p. 133).

Os deuses são circunstanciais não necessários, a crença em algum desses seres supranaturais tem relevância em determinados contextos e não universalmente. Dentro de um cenário em que mais pessoas são adeptas desta determinada crença a algum poder que pode ser atribuído a essa divindade, mas fora dessa situação os deuses não tem poder sobre os humanos. Assim sendo, as pessoas constroem relações adversas devido aos contos e fábulas que se convenceram a seguir, como se a invenção de um Deus mais forte desse alguma garantia de sobreposição às outras culturas.

O supremo poder das divindades é limitado à crença dos indivíduos, deste modo o não saber ou o não crer é algo superior ao poder divino, algo semelhante a querer quitar dívidas com uma moeda que não circula naquele determinado território ou ainda com uma quantidade de dinheiro que esta respectiva pessoa acha que possui. Os deuses, assim como as moedas, são convenções, deste modo quem não está de acordo com essa crença não tem como ser de algum modo afetado ou influenciado por ela.

O poder dos deuses tem fronteira, o trânsito entre povos e culturas expõe o limite presente nestas criaturas suprassensíveis, pois esse movimento evidencia que os deuses estrangeiros não existem em terra estranha e deveria bastar para afirmar que também inexistem em território nativo, pois não passariam de fantasias. Assim afirma Marx:

vai com teus deuses para um país em que vigora outros deuses e terás a prova de que padeces de imaginações e abstrações. Com razão. Quem tivesse levado um deus eslavo para os gregos antigos teria encontrado a prova da não existência desse deus. Porque para os gregos ele não existia. O que um país bem determinado foi para deuses estrangeiros bem determinados o país da razão é para o Deus em geral, ou seja, um território em que ele deixa de existir. (MARX, 2018, p. 134).

A razão analisa e mata os deuses dos outros povos, o mesmo deveria acontecer com os seus próprios deuses, mas em vez disso usa-se dessa mesma razão para tentar provar a existência das divindades locais, sem perceber que esta ação não passa da comprovação de que a consciência humana existe. Tentar procurar evidências de que algum Deus existe é ao mesmo tempo só conseguir evidenciar que ele não existe. Segundo Marx (2018, p. 134), “as provas da existência de Deus não passam de provas da existência da autoconsciência humana essencial, de explicações lógicas desta. Por exemplo, a prova ontológica. Que ser tem existência imediata ao ser pensado? A autoconsciência”. O ato de pensar não prova a existência de deuses.

A produção teórica de Marx, sobre a religião, não se encerra com este ateísmo abstrato, saindo dessa crítica puramente argumentativa à religião, pois este pensador conhece a obra de Feuerbach e conclui que a crítica à religião está essencialmente concluída na Alemanha e deve ser tomada como pressuposto de qualquer outra crítica que for produzida (MARX, 2005, p. 151), pois, como explica Flickinger (1986, p. 22), essa crítica à religião em Marx é parte da condição da crítica à sociedade burguesa, desejando assim alcançar o centro da irracionalidade. A busca humana por encontrar seres superiores ou extraordinários só levou ao encontro do seu reflexo, no lugar das entidades fantásticas só havia a imagem humana.

A influência feuerbachiana faz Marx perceber que onde o humano fala sobre Deus só existe o ser humano olhando a si mesmo, que a religião provoca uma confusão nas consciências que impossibilita que o indivíduo se encontre ao mesmo tempo que continua perdido. O humano precisa assumir a sua responsabilidade e entender que, segundo Marx (2005, p. 151), ele é o construtor da religião e não o contrário, o que socialmente é estabelecido como teologia ou discurso religioso não é nada além do que o conhecimento e sentimento humano sabe sobre si mesmo. A busca por descolar-se da natureza não é positiva para os seres humanos, pois segundo Marx

o homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral desse mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu point d'honneur espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a realização

fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. (MARX, 2005, p. 151).

O ser humano não é um ente metafísico e apartado da natureza, há uma história e materialidade ao redor da vida, mas a religião inverte e distorce a realidade, inclusive inventa-se uma essência humana para que ela possa ser usada religiosamente. Assim como a teologia se pretende gnosiológica porque busca oferecer resposta e conhecimento aos seres humanos, como se todas as lacunas presentes no conhecimento humano pudessem ser preenchidas com algum discurso sobre os deuses.

Se a religião é construída pela sociedade e não o contrário, do mesmo modo que os humanos não são entes metafísicos fora do mundo, a religião também não é, deste modo é fundamental que a análise sobre a religião e a sua respectiva crítica não podem estar distanciadas da dinâmica das suas respectivas relações sociais e transformações históricas. Ao olhar a religião, Marx compreende que ela não é o problema do mundo, mas um sintoma, pois ela vai se adequar às circunstâncias e oferecer orientações às pessoas, deste modo ela funciona como um termômetro para que seja possível analisar a realidade. A vida da maioria das pessoas é marcada por algum tipo de mazela e a religião age como solução ou paliativo para o sofrimento humano. “A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo”. (MARX, 2005, p. 151).

A religião pode ser entendida como a primeira crítica ao modo como o mundo está organizado, pois o define como um cenário de caos, sofrimentos e tragédias, mas se limita a isso, não oferecendo contrapropostas imanentes, não estabelecendo alternativas ao que está posto. Outro elemento importante a ser destacado é que se faz necessário um cuidado com a forma contemporânea que o uso de entorpecentes é moralmente julgado, Marx evita juízos morais dos fenômenos, pois estes não colaboram na compreensão dos fenômenos.

Em uma sociedade marcada pelo infortúnio, pelo caos e pela extrema pobreza, atribuir toda fonte de tragédia à religião e acreditar que o fim da religião é a solução para os problemas sociais é no mínimo querer tapar o sol com uma peneira. A religião é uma expressão da tragédia que é a sociedade dividida em classes sociais, ao mesmo tempo que o discurso religioso compassivo e esperançoso é um gesto de protesto contra o atual estado de coisas da sociedade, porque faz com que os indivíduos aliviem-se dos fardos cotidianos que precisam enfrentar, proporcionando assim a crença de que sua vida terá dias melhores, mesmo que seja em uma dimensão ilusória e transcendente, agindo assim como um sinal de cuidado e preocupação com

as pessoas em uma sociedade organizada pela busca lucro e desprezo pela vida e pelos sentimentos.

Não podendo ficar de lado a dimensão narcótica da religião, a consciência influenciada pelo discurso religioso enfrenta as adversidades não porque compreendeu as causas dos problemas em que está inserida, mas porque está entorpecida. Quanto mais atroz for a situação do indivíduo maior será o grau de ingestão de teologia, como uma droga que promove um estado de sonolência da sua consciência, o indivíduo estará acordado, mas sem ferramentas para analisar a sua própria condição e se sentindo apto para suportar toda condição de marginalização e exploração em que está inserido.

Deus se torna assim um poderoso instrumento de controle na sociedade, pois ao mesmo tempo que consegue acalmar pessoas em situações desumanas e extremamente precárias, que sem ele só teriam ódio e revolta, pode servir como ferramenta de manipulação, desta forma as pessoas seguem os comandos pertinentes porque “Deus quer”, sendo que Deus fala por intermédio da boca das elites, o que é no mínimo curioso. A burguesia evidenciou que um futuro de alegria é possível ao mesmo tempo que quer impedir que esses prazeres sejam universais, impondo limites às potencialidades humanas e usando o que estiver ao seu alcance, inclusive Deus, como arma para ter o prazer de forma privada e extremamente restrita a um pequeno grupo.

O indivíduo das classes menos abastadas estará sem sensibilidade para interpretar as causas reais do seu sofrimento e dependerá de “Deus” para tudo. Na sociedade contemporânea, marcada pelo consumo de medicamentos para dormir, para acordar, para trabalhar, para se divertir, enfim, na busca para ser feliz sempre há um comprimido a que se possa recorrer, mas no século XIX era a religião que cumpria esta função. Hoje preenchemos o vazio das nossas existências com medicamentos, mas dois séculos atrás a religião era o dispositivo que desempenhava este papel.

Por mais importante que seja a crítica à religião, não pode ser a única, pois o simples fim da religião ou alguma reforma religiosa não resolvem os problemas da sociedade. A crítica à religião precisa estar aliada a um projeto novo de sociedade. Esta crítica não pode se furtar a suprir as lacunas que a religião preenche, se a religião promove um conforto ilusório é fundamental organizar a sociedade de modo que as pessoas tenham uma felicidade real, achar que a religião é o real problema não passa de substituir o discurso ilusório com outra fantasia. A crítica à religião não pode se negar a aceitar que a religião é um instrumento eficaz para o alívio ou anestesia das consciências, deste modo é fundamental fazer com que as pessoas reconheçam que precisam da felicidade real.

A supressão [Aufhebung] da religião como felicidade ilusória do povo é a exigência da sua felicidade real. A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões. A crítica à religião é, pois, em germe, a crítica do vale de lágrimas, cuja auréola é a religião.

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo. (MARX, 2005, p. 151-152).

O discurso religioso só oferece uma vida plenamente feliz após a passagem para um plano imaterial, mas por que as camadas dominantes da sociedade não querem abrir mão do seu modo de vida nesse plano? A religião se coloca como instrumento que reconforta os mais pobres e faz com que eles fechem seus olhos para a condição confortável dos mais ricos. Fica evidente que é possível ser feliz aqui e agora, mas a forma como a sociedade está organizada inviabiliza essa felicidade para a maioria das pessoas e a crítica à religião precisa levar isso em consideração, buscando rever essa situação, ou seja, a crítica à religião é um primeiro movimento crítico que deve se desenvolver em uma crítica política.

A crítica à religião serve para remover todos os penduricalhos da realidade de modo a fazer com que o indivíduo enfrente a realidade sem eufemismos, sem enfeites, sem nenhum tipo de analgésico além da certeza que é possível organizar a sociedade a partir de outras perspectivas mais justas e igualitárias. Guiar a vida individualmente ou coletivamente pela religião é tomar pra si um norte fantasioso, assim sendo é importante que o ser humano olhe racionalmente para si e para o mundo, a razão é a verdadeira luz e direção da conduta humana.

O antropoteísmo feuerbachiano está presente na crítica marxiana à religião, ao menos na Introdução, quando este reconhece que não há outro ser supremo para os seres humanos além dos próprios humanos. Segundo Marx,

a crítica da religião tem seu fim com a doutrina de que o homem é o ser supremo para o homem, portanto com o imperativo categórico de - subverter todas as relações em que o homem é um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível. Relações que não podem ser mais bem retratadas do que pela exclamação de um francês acerca de um projeto de imposto sobre cães: “Pobres cães! Querem vos tratar como homens!” (MARX, 2005, p. 157-158).

O ser humano não é um reduto natural de vícios, maldade e qualquer outro elemento não virtuoso, conseqüentemente não se justifica a condição de naturalidade que é atribuída às mazelas do mundo porque as pessoas seriam desde o momento do nascimento fontes de pecado.

A crítica feuerbachiana à religião apresenta a Marx como o discurso religioso humilha e rebaixa o ser humano em troca de ilusões, se fazendo necessária a destruição desta fantasia, a sua substituição pela realidade e as possibilidades de transformação desta. Uma narrativa que desdenha o ser humano não pode ser aceita, pois não existem seres superiores à humanidade.

Não podemos negar a colaboração de Lutero no processo de crítica à religião, pois como afirma Marx (2005, p. 158), “a revolução começou no cérebro de um monge”. Lutero desloca o problema de modo a deixar ele mais claro, como aponta Heine (2010, p. 22), pois ele reformou, fez uma tradução dos textos bíblicos para uma língua mais popular, restando assim desmistificar esses escritos, ao mesmo tempo que deixou de seguir a doutrina católica, mas não deixou de lado a consciência mistificada (HEINE, 2010, p. 71). Lutero não resolveu o problema, mas ajudou a compreender a sua dimensão e complexidade. De acordo com Marx:

Sem dúvida, Lutero venceu a servidão por devoção porque pôs no seu lugar a servidão por convicção. Quebrou a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. Transformou os padres em leigos, transformando os leigos em padres. Libertou o homem da religiosidade exterior, fazendo da religiosidade o homem interior. Libertou o corpo dos grilhões, prendendo com grilhões o coração. Mas se o protestantismo não era a verdadeira solução, ele era o modo correto de colocar o problema. Já não se tratava mais da luta do leigo com o padre fora dele, mas da luta contra o próprio padre interior, a sua natureza clerical. (MARX, 2005, p. 158).

A reforma promovida pelo monge deu luz ao fato de que o problema não é alguma instituição, pois estas podem ser destruídas ou reformuladas, mas se as relações sociais e as consciências não sofrem transformações, o problema continua presente. Lutero conseguiu promover o status sacerdotal a todas as pessoas que desejarem, desta forma elementos como a fé ou a consciência religiosa não foram superados, ao contrário, ganharam mais força, individualidade e autonomia.

Não existem diferenças essenciais entre as religiões, pois estas são manifestações que refletem o momento que a humanidade está vivendo, as religiões têm objetivos semelhantes embora realizem-nos ao seu respectivo modo. Segundo Mészáros (2006, p. 34), “o judaísmo e o cristianismo são aspectos complementares dos esforços da sociedade para lidar com suas contradições internas. Representam ambos tentativas de uma transcendência imaginária dessas contradições”, são sempre uma busca ilusória pela essência humana. Quando isso não é percebido ocorre o atrito entre as religiões. Para Marx,

a forma mais cristalizada do antagonismo entre o judeu e o cristão é o antagonismo religioso. Como se resolve um antagonismo? Tornando-o impossível. Como se faz para tornar impossível um antagonismo religioso? Superando a religião. Assim que judeu e cristão passarem a reconhecer suas respectivas religiões tão somente como

estágios distintos do desenvolvimento do espírito humano, como diferentes peles de cobra descartadas pela história, e reconhecerem o homem como a cobra que nelas trocou a pele, eles não se encontrarão mais em uma relação religiosa, mas apenas em uma relação crítica, científica, em uma relação humana. A ciência constitui então sua unidade. Todavia, na ciência, os antagonismos se resolvem por meio da própria ciência.” (MARX, 2010b, p. 34).

Os antagonismos religiosos são infrutíferos e sem sentido, não passam de uma incompreensão da história humana. As adversidades sociais históricas se modificam e conseqüentemente surgem novas religiões ou ocorre a transformação das antigas para oferecer novas respostas, não são especiais, mas sim tentativas de ofertar soluções ilusórias aos indivíduos afastados da razão.

A ciência², segundo Marx, é o instrumento racional que unifica os seres humanos e pode promover soluções que superam os falsos problemas criados por religiões. As quimeras religiosas precisam ser enfrentadas racionalmente, mas sem que as consciências religiosas admitam seus atritos fantasiosos e façam a distinção do que é real e ilusório não há como ter um avanço coeso da humanidade, ao mesmo tempo que esta conduta não pode servir de justificativa para oprimir algum segmento religioso.

Criticar a religião e entendê-la como um fenômeno que produz fantasias não pode ser um gesto que concorde ou defenda a perseguição e violência aos indivíduos que desejam fazer parte de algum segmento religioso. Entender os ganhos que uma sociedade organizada a partir do Estado pode ter com a ciência não pode servir para legitimar qualquer forma de discriminação, inclusive contra religiões.

No interior da forma de organização social vigente todos devem ter o direito à sua respectiva religião, é um gesto de tirania atacar um credo religioso em detrimento de outro. O Estado não pode arbitrariamente escolher quais religiões merecem tutela e quais ele deve censurar, ao contrário, a forma mais madura do Estado é aquela em que todos os cidadãos que desejarem podem vivenciar a religião que quiserem. De acordo com Marx,

a pergunta é: como se comporta a emancipação política plena para com a religião? Se até mesmo no país da emancipação política plena encontramos não só a existência da religião, mas a existência da mesma em seu frescor e sua força vitais, isso constitui a prova de que a presença da religião não contradiz a plenificação do Estado. Para nós, a religião não é mais a razão, mas apenas o fenômeno da limitação mundana. Em consequência, explicamos o envolvimento religioso dos cidadãos livres a partir do seu envolvimento secular. Não afirmamos que eles devam primeiro suprimir sua limitação religiosa para depois suprimir suas limitações seculares. Afirmamos, isto sim, que eles suprimem sua limitação religiosa no momento em que suprimem suas barreiras

² O termo ciência é algo “polêmico” no interior do marxismo, aqui entendemos que esse sentido ainda não é o d’A Ideologia Alemã, a ciência da história, mas algo mais próximo da ciência como instrumento racional, algo que talvez teria mais afinidade com um humanismo ou iluminismo.

seculares. Não transformamos as questões mundanas em questões teológicas. Transformamos questões teológicas em questões mundanas. Tendo a história sido, por tempo suficiente, dissolvida em superstição, passamos agora a dissolver a superstição em história. A questão da relação entre emancipação política e religião transforma-se para nós na questão da relação entre emancipação política e a emancipação humana. Criticamos a debilidade religiosa do Estado político ao criticar o Estado político em sua construção secular, independentemente da sua debilidade religiosa. Humanizamos a contradição entre Estado e uma determinada religião, como, p. ex., o judaísmo, em termos de contradição entre o Estado e a religião de modo geral, em termos de contradição entre o Estado e seus pressupostos gerais. (MARX, 2010b, p. 38).

A religião encontrará seu fim quando atacarmos os problemas da sociedade que dão sentido à existência de religiões, a crítica identifica a limitação das religiões e precisa enfrentar as situações que dão sentido à existência delas. A religião e sua teologia precisam ser analisadas a partir da realidade, ou seja, tirar a poeira fantasiosa do seu discurso e compreender o que está por trás dele, a materialidade encoberta por toda metafísica religiosa.

O discurso supersticioso precisa ser analisado à luz da história e não o contrário, ou seja, por mais autonomia que seja atribuída às fantasias religiosas, todas elas podem ser situadas historicamente ou terem a sua origem identificada. Deste modo, é possível compreender qual a sua função no mundo ou impacto nas consciências, assim como viabiliza o entendimento da questão central que é a emancipação dos indivíduos.

A emancipação pode acontecer com dois perfis distintos, a saber, a política ou a humana. A emancipação política é a garantia de direitos iguais aos cidadãos, ou seja, não há repressão ou censura por alguma convicção religiosa específica, por exemplo, a lei não faz distinções entre as pessoas. Já a emancipação humana é a construção de uma forma de sociabilidade que supera as mazelas sociais e possibilita com que os humanos existam em sua plenitude, não dependendo de amuletos ou muletas metafísicas para dar sentido à sua existência.

A dor, a angústia e o medo que os cidadãos estão sentindo são no presente momento e não se pode simplesmente apontar um futuro melhor sem oferecer soluções, mesmo que paliativas, no momento atual. Assim sendo, por mais limitada que seja a cidadania plena, ela é uma alternativa imediata à censura ou perseguição promovida pelo Estado contra algum grupo ou segmento religioso. Segundo Marx,

a emancipação política do Judeu, do cristão, do homem religioso de modo geral consiste na emancipação do Estado em relação ao judaísmo, ao cristianismo, à religião como tal. Na sua forma de Estado, no modo apropriado à sua essência, o Estado se emancipa da religião, emancipando-se da Religião do Estado, isto é, quando o Estado como Estado não professa nenhuma religião, mas, ao contrário, professa-se Estado. A emancipação política em relação à religião não é a emancipação já efetuada, isenta de contradições, em relação à religião, porque a emancipação política ainda não constitui o modo já efetuada, isento de contradições, da emancipação humana. (MARX, 2010b, p. 38).

Aceitar a ciência e os princípios racionais não é a única forma de resolver o problema do aparente atrito entre religiões diferentes, outro modo de resolução é o Estado transferir para intimidade ou particularidade individual a adesão a uma religião, ou seja, o Estado não pode advogar para uma religião ou tutelar alguma religião atacando outras. Por mais limitada ou ilusória que seja a emancipação política, não se pode negar o direito individual a todos os direitos vigentes no Estado, o problema é que a emancipação política não é uma liberdade real ao mesmo tempo que é um obstáculo para esta liberdade. Na perspectiva de Júlia Lemos Vieira:

Na emancipação política o homem reduz a vida coletiva a uma formalidade, de modo que o interesse particular não desenvolve de fato qualquer identidade com o interesse geral. A vida coletiva como mera formalidade é em si mesma um obstáculo para que o interesse geral seja identificado pelo indivíduo também como seu interesse particular, de modo que o Estado é, em si mesmo, o obstáculo para liberdade real, concreta. (VIEIRA, 2017, p. 175).

O Estado secular, ou seja, uma forma de Estado em que as pessoas têm o direito a viver a sua vida de acordo com seus ideais religiosos e não havendo nenhum preconceito inter-religioso, não passa de uma gaiola de ouro e cheia de adornos, a possibilidade de efetivação total dos desejos humanos só pode acontecer com o alcance da sociedade comunista. Pode-se buscar uma forma de organizar a sociedade para que todo cidadão tenha garantias plenas a vivenciar as suas crenças e identidade religiosa, mas isso não muda o fato de que o indivíduo continua aprisionado, só que dessa vez em uma prisão mais bela. Segundo Vieira,

o Estado é a realização do homem num céu tal como ocorre na religião, é a projeção do homem para fora de si, num estranhamento e submissão a essa projeção. O homem leva uma vida dupla elevando a racionalidade, tal como faz por meio da religião, a uma determinação indeterminada, “fora” de si mesmo. No Estado laico o cidadão é laico, mas na sua prática diária e cotidiana, como sociedade civil, o homem permanece religioso, dado que permanece objeto de uma razão alienada. (VIEIRA, 2017, p. 176).

Embora ofereça algum conforto aos que estão sendo perseguidos pela sua crença, proporciona também a sensação de liberdade, mas uma falsa liberdade que impede de visualizar a verdadeira, pois o indivíduo ainda vive uma vida dividida, como se estivesse fora de si mesmo. Deste modo, é importante radicalizar a crítica ao Estado, assim como à religião, buscando a existência humana em sua plenitude, sem mais precisar dividir-se.

Enquanto a emancipação humana não for efetuada e conseqüentemente entenderem que a religião não é mais um instrumento necessário, deve-se entender as limitações da emancipação política e a sua relevância positiva na atual forma da organização do Estado.

o homem se emancipa politicamente da religião, banindo-a do direito público para o direito privado. Ela não é mais o espírito do Estado, no qual o Homem – ainda que de modo limitado, sob formas bem particulares e dentro de uma esfera específica – se comporta como ente genérico em comunidade com outros homens (MARX, 2010b, p. 41).

O direito à cidadania plena é importante no interior da organização social presente, o Estado garantindo que a aderência, ou não, a alguma religião depende de critérios privados, mas isso não pode iludir o indivíduo ante a luta mais importante que é a busca pela emancipação humana. Por mais que a emancipação política alivie as correntes que estão presas aos pés, ela não é o suficiente para destruir as amarras. A emancipação humana retirará o ser humano das suas prisões e miséria, inclusive as que são promovidas pela religião, não dá para lutar por liberdade pela metade, por isso a emancipação puramente formal ou política não é o bastante.

A transformação do atual modo de organização social em outro não pode acontecer de modo dogmático, como fazem as religiões ou alguma tentativa idealista de compreensão do mundo, mas sim de maneira crítica, ou seja, compreendendo as relações sociais presentes e a sua história. Portanto, a promoção de uma nova forma de sociabilidade só pode efetivamente acontecer à luz do crivo da razão.

Destruindo racionalmente o mundo antigo pode-se produzir um novo, não atribuindo mistérios religiosos como as respostas, mas sim produção da ciência. Imputar o status de inquestionável ou incompreensível aos problemas humanos não é o caminho que a humanidade deve continuar aceitando. A consciência humana deve ser reformada e se compreender como capaz para resolver os problemas que são humanos, não há uma entidade supranatural que virá do alto ou aparecerá misteriosamente e resolverá tudo milagrosamente, os problemas presentes na sociedade são produzidos e somente poderão ser solucionados pelos seres humanos. Para Marx,

a reforma da consciência consiste unicamente no fato de deixar o mundo interiorizar sua consciência, despertando-o do sonho sobre si mesmo, explicando-lhe suas próprias ações. Todo o nosso propósito só pode consistir em colocar as questões religiosas e políticas em sua forma humana autoconsciente, que é o que ocorre também na crítica que Feuerbach faz à religião.

Portanto, nosso lema deverá ser: reforma da consciência, não pelo dogma, mas pela análise da consciência mística, sem clareza sobre si mesma, quer se apresente em sua forma religiosa ou na sua forma política. Ficará evidente, então, que o mundo há muito tempo já possui o sonho de algo de que necessitará apenas possuir a consciência para possuí-lo realmente. Ficará evidente que não se trata de um grande hífen entre o passado e o futuro, mas da realização das ideias do passado. Por fim, ficará evidente que a humanidade não começa um trabalho novo, mas executa o seu antigo trabalho com consciência.

Poderíamos, portanto, sintetizar numa palavra a tendência da nossa Folha: autoentendimento (filosofia crítica) da época sobre suas lutas e desejos. Trata-se de um trabalho pelo mundo e por nós. Só pode ser obra de forças unificadas. Trata-se de penitência, e nada mais. Para que a humanidade consiga o perdão dos seus pecados, ela só precisa declarar que eles são o que são. (MARX, 2010b, p. 41-42).

O desejo por um mundo sem sofrimento e miséria é tão antigo quanto a existência do infortúnio humano, a humanidade historicamente sonha com uma forma de sociabilidade que não promova mais dor e angústia, o problema é que isso sempre apareceu como sonho ou devaneio, mas ao desmistificar a consciência, reformando-a, o ser humano saberá que é possível, racionalmente, concretizar a vontade antiga por uma nova forma de organização humana.

A clareza da possibilidade de construção de um novo mundo foi obstruída, entre outras coisas, pelo Estado e pelas religiões com suas ilusões de um outro mundo pós-morte. A humanidade não está partindo do zero com um projeto de emancipação humana, mas agora parte tendo entendimento de si, não mais iludida por fantasias produzidas pela metafísica religiosa e suas fábulas. A conquista de um paraíso com o Estado ou como prêmio por uma vida de sofrimento não podem mais conter os ânimos do ser humano que é explorado, a felicidade e alegria podem e devem acontecer durante a vida e isso não é somente um sonho distante, é algo que pode ser realizado com o fim das correntes, inclusive das que trancam as consciências.

A busca por liberdade plena não pode estar distanciada da compreensão da condição humana, ou seja, para buscar a liberdade humana e acabar com qualquer forma de opressão promovida pelo Estado, pela religião ou pelas classes dominantes é imprescindível entender a sua situação enquanto ser vivo, pertencente a um planeta e inserido como parte de um ecossistema, de tal modo que estabelece trocas, fazendo com que o tido como humano seja natural e o tido como natural seja incorporado ao humano, dito de outro modo, o natural se transforma em social e o social em natural, formando assim a natureza humana ou essência genérica da humanidade.

O estabelecimento, por Marx, do conceito de natureza humana ou gênero humano parte da realidade e não de uma concepção idealista que naturaliza fantasias. Não se limita a uma questão puramente biológica, engloba este ponto, mas percebe a questão social, pois o humano tem algo de biológico ou animalesco (natural) ao mesmo tempo que transforma socialmente o natural, tendo assim uma essência humana natural e uma essência natural humana, que pode ser resumida em essência humana ou natureza humana. Segundo Duménil, Löwy e Renault (2011, p. 151), “o gênero é interpretado por Marx como uma atividade cooperativa que depende tão essencialmente da natureza quanto da história”. Entendendo a conexão e dependência humana

dos recursos disponíveis no planeta e que nada é possível sem isso, pode-se partir para a compreensão da natureza humana ou, se preferir, da essência humana. Na perspectiva de Marx,

a natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2010a, p. 84).

Não há nada de fantástico ou desconectado do mundo, inexistente uma ideia universal e suprassensível que molda a existência humana fazendo da humanidade algo mais perfeito e superior ao mundo sensível e todas as suas corrupções, temos na verdade “a essência humana da natureza ou a essência natural do homem” (MARX, 2010a, p. 112). Marx se afasta de definições idealistas do que poderia ser definido como essência humana para compreender que da simbiose entre humanidade e meio ambiente ocorre uma dupla modificação, pois ao mesmo tempo que o humano transforma a natureza, a natureza transforma o humano; o que é humano se torna natural e o que é natural se torna social.

Esta dupla transformação acontece devido a uma intervenção humana por meio do trabalho, o ser humano precisa buscar recursos para garantir a sua existência, suprir as suas carências, e o meio ambiente é a fonte desta saciedade. O trabalho é o que evidencia a singularidade humana. Para Marx,

o engendrar prático de um mundo objetivo, a elaboração da natureza inorgânica é a prova do homem enquanto um ser genérico consciente, isto é, um ser que se relaciona com o gênero enquanto sua própria essência ou [se relaciona] consigo enquanto ser genérico. É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; [no animal,] o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species, e sabe considerar, por toda parte, a medida inerente ao objeto. (MARX, 2010a, p. 85).

Pode-se buscar outras características ou atributos para diferenciar a humanidade dos demais seres vivos, mas estas abstrações vazias servem para esconder a capacidade de intervenção consciente que o ser humano promove sobre a natureza. Por mais que todo ser vivo tenha carências, só nos humanos a produção é desvinculada da carência imediata, não estando presos às carências de primeira ordem.

O ser humano depende do seu corpo inorgânico para poder continuar existindo, por mais que se busque o descolamento do meio ambiente por alguma arrogância, idealismo ou fantasia socialmente construída de que a humanidade é superior aos outros seres existentes, a verdade é que “o trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo exterior sensível (sinnlich). Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por que meio da qual [o trabalho] produz” (MARX, 2010a, p. 81). Por mais interessante que seja a capacidade de trabalhar, ela não é realizável sem uma dependência externa ao indivíduo.

Por mais singular que a humanidade seja, o trabalho estranhado lhe cria alguns bloqueios e é o centro da impossibilidade da emancipação humana. Este tipo de trabalho próprio desta forma de sociabilidade se expressa na propriedade privada e os demais problemas existentes giram ao seu redor, por isso é preciso enfrentar a problemática do trabalho alienado e a sua objetivação na propriedade privada para poder compreender os demais problemas que estão na sua órbita. De acordo com Marx,

a propriedade privada material, imediatamente sensível (sinnliche), é a expressão material-sensível da vida humana estranhada. Seu movimento – a produção e o consumo – é a manifestação (Offenbarung) sensível do movimento de toda produção até aqui, isto é, realização ou efetivação do homem. Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte etc. são apenas formas particulares da produção e caem sob sua lei geral. (MARX, 2010a, p. 106).

Compreendendo a dinâmica da propriedade privada será possível desvendar outros elementos que são ferramentas de opressão e impeditivos da emancipação completa da humanidade. Defrontar-se com os casos particulares é tentar cuidar dos efeitos e não da causa, é não desvendar a real problemática da humanidade na sociedade capitalista e idealizar a liberdade.

Desvendando o movimento da propriedade privada, desloca-se o modelo de resolução para os problemas acessórios, a religião é um instrumento de mistificação da realidade na atual forma de organização social, mas não o é de forma isolada, porque a economia também o faz e é a condição das outras formas de mistificação, ou seja, sem fantasias na economia as outras formas de ilusão não conseguiriam se consolidar. A economia de modo universal – e a religião de modo particular – não se preocupa com um processo histórico de construção dos seus elementos, simplesmente os lança como dados naturais, evidentes e inquestionáveis. Para Marx,

a economia nacional parte do fato dado e acabado da propriedade privada. Não nos explica o mesmo. Ela percebe o processo material da propriedade privada, que passa, na realidade (Wirklichkeit), por fórmulas gerais, abstratas, que passam a valer como leis para ela. Não concebe (begreift) estas leis, isto é, não mostra como têm origem na

essência da propriedade privada. A economia nacional não nos dá esclarecimento algum a respeito do fundamento (Grund) da divisão entre trabalho e capital, entre capital e terra. (MARX, 2010a, p. 79).

Criar alegorias ou imaginar histórias que se encaixam ao modelo em que a humanidade se organiza não é explicar absolutamente nada, esclarecer algo implica em perceber o seu desdobramento na história. O que se quer entender tem uma origem, sua respectiva transformação ao longo da história. Fábulas obscurecem o conhecimento, por conta disso “não nos desloquemos, como [faz] o economista nacional quando quer esclarecer [algo], a um estado primitivo imaginário. Um tal estado primitivo nada explica. Ele simplesmente empurra a questão para uma região nebulosa, cinzenta” (MARX, 2010a, p. 80). Tentar entender a condição humana projetando histórias desconectadas da realidade é fazer o mesmo que o teólogo que “explica a origem do mal pelo pecado original (Sundenfall), isto é, supõe como um fato dado e acabado, na forma da história, o que deve explicar” (MARX, 2010a, p. 80). Como afirma Mészáros (2006, p. 152), “Marx ironiza os teólogos que procuram explicar a origem do mal pela que do homem, isto é, na forma de uma suposição a-histórica”.

No capítulo anterior foi apresentado o modelo feuerbachiano de crítica à religião e a sua respectiva influência sobre Marx. Tal modelo e influência não se dissipam durante a redação dos Manuscritos econômico-filosóficos, pois Marx se apropria desta forma de crítica percebendo a semelhança da conduta humana diante da propriedade privada e de Deus.

Feuerbach percebe que quanto maior for o Deus, menor é o ser humano em que nele acredita; que quanto mais atributos positivos tiver um Deus, mais defeitos tem o ser humano; que quanto mais poder tem um Deus, mais fraco é o ser humano, ou seja, quanto mais o homem tira de si, mais põe em Deus. Marx identifica que é similar com a propriedade privada, segundo ele:

o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (Menschenwelt). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. (MARX, 2010a, p. 80).

O trabalhador produz objetos que ganham força sobre os próprios produtores ao mesmo tempo que transformam os trabalhadores em objetos. A valorização da propriedade privada produzida por mãos humanas é o centro das diversas formas de desvalorização da humanidade, não somente na economia, mas na religião também, por exemplo. O trabalhador não se

reconhece no seu trabalho, o produtor não se identifica com a sua produção, ou seja, este processo alienado de criação de itens proporciona uma autonomia aos objetos desenvolvidos e uma inferiorização dos seus autores. De acordo com Marx,

este fato nada mais exprime, senão: o objeto (Gegenstand) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (sachlich), é a objetivação (Vergegenständlichung) do trabalho. A efetivação (Verwirklichung) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como desefetivação (Entwirklichung) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (Entfremdung), como alienação (Entausserung). (MARX, 2010a, p. 80).

Feuerbach dedicou-se a uma questão periférica e não percebeu o que era fundamental, isso não tira o mérito de sua crítica à religião, mas a sua tão bem embasada crítica não conseguiria implicar em transformações profundas da realidade, pois lhe faltava o entendimento de economia-política. Independentemente disso, Marx não deixa de lado a produção feuerbachiana e percebe a sua utilidade se combinada com elementos políticos e econômicos, Marx dá materialidade à crítica feuerbachiana ao compreender que não é somente Deus que ganha autonomia roubando a autonomia humana, mas também a propriedade privada. Para Marx,

na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas conseqüências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (ausarbeitet), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (fremd) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra a sala vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização (Entausserung) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (aussern), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (ausser ihm), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha. (MARX, 2010a, p. 81).

O trabalho que deveria ser a execução da singularidade humana torna-se, na sua condição de alienação, um prejuízo à humanidade. A forma de sociabilidade desenvolvida na sociedade capitalista faz com que a natureza humana se volte contra a humanidade, ou seja, a criação de objetos torna-se a destruição humana, a fabricação de objetos é a ruína da humanidade. Assim como na religião, em que quanto mais o humano atribui a Deus, mais

fragilizada se torna a sua condição. A propriedade privada e Deus absorvem a vitalidade, energia e força da humanidade.

O trabalho alienado produz uma espécie de ‘crise de identidade’, porém, não me refiro aqui a um sentido puramente psicológico, mas sim ao fato de que os atributos humanos e a produção humana não são reconhecidos pelas próprias pessoas que as portam e produzem, ou seja, a produção de propriedade privada confunde a relação da humanidade com a sua essência, o trabalho.

Examinamos o ato do estranhamento da atividade humana prática, o trabalho, sob dos aspectos. 1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com ato da produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si (Selbstentfremdung), tal qual acima o estranhamento da coisa. (MARX, 2010a, p. 83).

O trabalhador torna-se servo dos seus produtos, o objeto que produziu vai ganhar valor enquanto o trabalhador perderá valor; o produto ganhará autonomia e poder e o produtor perderá autonomia e poder; a riqueza da produção gera pobreza ao trabalhador; quanto mais especial for o produto, mais miserável se torna o trabalhador. O mesmo ocorre na religião, pois quanto mais Deus tem, menos o humano tem, ou seja, Deus e a propriedade privada se apropriam das qualidades humanas. Deste modo, “o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador” (MARX, 2010a, p. 82), produz para Deus, mas nada ganha o humano, nada além de privação, punição e impotência. O produto do trabalho alienado, inclusive Deus, exerce controle sobre o produtor.

Este processo de inferiorização do trabalhador na execução do seu trabalho significa que “que o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre” (MARX, 2010a, p. 82-83). O trabalhador é atormentado pelo seu trabalho, ou seja, o trabalho é uma grande fonte de desgosto e pesar. Por conta de todo sofrimento e desprazer causado pelo trabalho estranhado, “o trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. [...] o seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório” (MARX, 2010a, p. 83).

Desta angústia, compreende-se que “o trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele” (MARX, 2010a, p. 83). Esta estranheza se torna evidente pelo fato de que “tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste” (MARX, 2010a, p. 83). Provando assim que o trabalho externo, “o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação” (MARX, 2010a, p. 83). O trabalho, que deveria ser um espaço de realização e satisfação, se torna penúria, o estranhamento do trabalho e da sua respectiva produção só é tolerado pelo trabalhador em caso de repressão, pois sempre que for possível o trabalhador vai buscar uma folga, descanso ou afastamento do trabalho.

A realização da essência humana, o trabalho, deveria ser um norteador para o trabalhador, porém este fica desnortado, assim como no lugar da autossatisfação, tem-se autoflagelo. Este procedimento de exteriorização implica em que o trabalhador não se reconheça no seu trabalho e nos seus produtos, de tal modo que lhe aparecem como sendo trabalho e produção de outrem. Segundo Marx,

assim como na religião a autoatividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é a sua autoatividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo. (MARX, 2010a, p. 83).

O resultado do processo de estranhamento faz com que o “homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc. e em suas funções humanas só [se sente] como animal” (MARX, 2010a, p. 83). Embora essas atividades também sejam humanas, não sendo exclusivamente dos demais animais, não muda o fato de que tomá-las como finalidades humanas ou como atividades últimas dos seres humanos é o mesmo que “o animal se torna humano, e o humano, se torna animal” (MARX, 2010a, p. 83) – o trabalho estranhado faz com que as necessidades primárias do ser humano se tornem seu maior objetivo, de modo a se tornar prisioneiro do seu estado animalesco e não conseguindo realizar a sua condição humana de modo total, vemos o humano reproduzir o comportamento do animal comum, mas não a execução do essência humana, o que faz do humano algo genuíno é impossibilitado pelo trabalho alienado.

O trabalho alienado aprisiona o ser humano na sua condição mais básica, não se diferenciando de algum outro animal que queira brincar, descansar, saciar a fome e procriar, o ser humano encontra-se fortemente limitado pelo estranhamento do trabalho, mas a alienação não se encerra nos elementos analisados até aqui, pois, segundo Marx,

o trabalho estranhado também produz a alienação do “3) ser genérico do homem, tanto da natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser estranho a ele, um meio da sua existência individual. Estranha do homem o seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal como a sua essência espiritual, a sua essência humana. 4) Uma consequência imediata disso, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o estranhamento do homem pelo [próprio] homem. Quando o homem está frente a frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com seu trabalho, produto de seu trabalho consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, como o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem. (MARX, 2010a, p. 85-86).

O trabalho estranhado faz com que o humano não se reconheça como universal, ao se deparar com seu gênero não se identifica e trata o gênero como finalidade para satisfação individual, não consegue se reconhecer como parte do todo. O mesmo acontece na religião que impossibilita de ver além das fronteiras da crença e trata a parte como o todo, pois o critério de identificação é de identificação com a fé em questão. O trabalhador não se reconhece no seu corpo, orgânico e inorgânico, na sua atividade de produção e na sua espécie. Desta forma, podemos nos agrupar, erroneamente, por exemplo de acordo com a religião em que se acredita, nacionalidade ou ainda por setor de produção e criar atritos aos que são entendidos como diferentes, ou seja, por não se reconhecer como universal o ser humano se fragmenta por algum critério estabelecido e fica em desacordo com o seu próprio gênero.

O trabalho estranhado transforma a atividade humana consciente em meio para sua existência, de tal modo que não mais aparece como atividade essencial ou genérica, mas como atividade alienada. Por não se reconhecer na atividade genérica, ela se transforma em meio. O trabalho alienado implica no estranhamento humano de si mesmo, dos outros humanos, da sua atividade essencial e dos produtos de sua atividade consciente, a essência humana está estranhada dos humanos. Na perspectiva de Mészáros,

a alienação da humanidade, no sentido fundamental do termo, significa perda de controle: sua corporificação numa força externa que confronta os indivíduos como um poder hostil e potencialmente destrutivo. Quando Marx analisou a alienação nos seus Manuscritos de 1844, indicou os seus quatro principais aspectos: 1) a alienação dos seres humanos em relação à natureza; 2) à sua própria atividade produtiva; 3) à sua espécie, como espécie humana; e 4) de uns em relação aos outros. Ele afirmou enfaticamente que tudo isso não é uma “fatalidade da natureza” – como de fato são representados os antagonismos estruturais do capital, a fim de deixá-los onde estão – mas uma forma de auto-alienação. Dito de outra forma, não é o feito de uma força externa todo-poderosa, natural ou metafísica, mas resultado de um tipo determinado de desenvolvimento histórico que pode ser positivamente alterado pela intervenção consciente no processo histórico para “transcender a auto-alienação do trabalho”. (MÉSZÁROS, 2006, p. 14).

A forma como a humanidade conduziu a história chegou ao ponto em que os indivíduos não se reconhecem nos frutos do seu trabalho e no mundo sensível de forma geral, decorrente disso tem-se a insatisfação com o processo de produzir, porque a atividade produtiva lhe é estranha, o trabalhador está autoalienado do trabalho, tendo como únicas alegrias possíveis estar fora do trabalho ou ter uma remuneração considerada suficientemente alta para poder proporcionar-se o máximo de conforto.

Desse processo de autoestranhamento e de alienação dos produtos do trabalho decorre a alienação do ser humano com a humanidade, tanta da espécie, de modo geral, como dos demais indivíduos, de forma particular, podendo assim achar que se está lidando com adversários ou inimigos e não com membros de um mesmo conjunto, não se reconhecendo nas demais pessoas. Tentativas de compreensão dessa forma de organização da sociedade mistificam esta atual condição humana, não percebendo que o trabalho alienado é a causa das outras formas de alienação e dos problemas posteriores a isso.

A alienação do trabalho acontece na história e não é resultado de ações de deuses. A economia, política, religião, filosofia, ou qualquer outra forma de tentar explicar a origem dos problemas atuais da humanidade de forma a-histórica ou idealista, não perceberá que os seres humanos chegaram onde estão devido às suas escolhas e a saída deste atual estado de coisas também depende de uma decisão do gênero humano. Os problemas humanos são sócio-históricos, querer lidar com eles de forma atemporal é cair em abstrações ou descolamento da realidade, de tal forma que se tornam problemas imaginários ou mal formulados e encontram soluções imaginárias ou incorretas. Na produção teórica do Marx não há lugar para o imóvel, pois a realidade é dinâmica, movimento e transformação.

No lugar de sintonia da espécie consigo mesma e com a natureza, tem-se conflito e desarmonia. Destrói-se o corpo inorgânico do ser humano e os demais indivíduos como se fossem inimigos. O trabalho alienado e a propriedade privada são um impeditivo para realização da liberdade humana e do exercício da essência humana em sua plenitude, mas isso não pode entorpecer a análise da realidade de modo a contentar-se com ilusões. Segundo Marx,

herdamos certamente o conceito de trabalho exteriorizado (de vida exteriorizada) da economia nacional como resultado do movimento da propriedade privada. Mas evidencia-se na análise desse conceito que, se a propriedade privada aparece como fundamento, como razão do trabalho exteriorizado, ela é antes uma consequência do mesmo, assim como também os deuses são, originalmente, não a causa, mas o efeito do erro do entendimento humano. (MARX, 2010a, p. 87-88).

Atacar a propriedade privada por si só não resolverá o problema, muito mesmo focar somente na religião ou nos deuses, além disso é fundamental romper com a organização social que proporciona o trabalho alienado, deste modo o ser humano poderá emancipar-se de forma completa e universal. Enquanto isso não se concretizar os seres humanos sempre estarão atacando efeitos e não a causa dos seus males e sofrimentos. A sociabilidade regulada pelo trabalho estranhado precisa ser destruída para que o comunismo possa ser estabelecido.

Entendendo o comunismo como “a expressão positiva da propriedade privada supressumida, acima de tudo a propriedade privada universal” (MARX, 2010a, p. 103). Não como uma simples abstração, por isso, por exemplo, o ateísmo por si só não é uma saída completa. O comunismo como positiva tomada de consciência possibilita o desenvolvimento humano em sua plenitude, a emancipação humana só é possível com a superação da propriedade privada, da religião e de qualquer outro elemento que mistifique a compreensão da humanidade sobre sua própria essência e potência.

Da afirmação de que a natureza é o corpo inorgânico do ser humano e, conseqüentemente, da compreensão de que o ser humano tem uma dupla dependência, tanto da natureza como fonte de recursos e dos ancestrais que geram a sua própria vida, a existência individual procede de uma causa externa, a consciência idealista pode abstrair a condição humana e questionar sobre a origem da natureza e da humanidade. A ideia de criação se instala na consciência mistificada, pois tudo que existe deve a sua existência a algo que lhe é anterior, a alguma causa precedente, deste modo pode-se cair em uma regressão ao infinito ou em um argumento circular.

Até que eu pergunte: quem gerou o primeiro ser humano e a natureza em geral?
Só posso responder-te: a tua pergunta é, ela mesma, um produto da abstração. Pergunta-te como chegas àquela pergunta; interroga-te se a tua pergunta não ocorre a partir de um ponto de vista ao qual eu não posso responder porque ele é um ponto de vista invertido. Pergunta-te se aquele progresso como tal existe para um pensar racional. Se tu te perguntas pela criação da natureza e do ser humano, abstrais, portanto, do ser humano e da natureza. Tu os assentas como não-sendo e ainda queres, contudo que eu te os prove como sendo. Digo-te eu, agora: se renuncias à tua abstração, sê então conseqüente, e quando pensando pensas o ser humano e a natureza como não-sendo, então pensa-te a ti mesmo como não-sendo, tu que também és natureza e ser humano. Não penses, não me perguntes, pois, tão logo pensas e perguntas, tua abstração do ser da natureza e do homem não tem sentido algum.” (MARX, 2010a, p. 113-114).

A pergunta pela origem da natureza e dos primeiros humanos carrega em si pressupostos que precisam ser identificados, pois tratá-la como uma questão bem elaborada é acorrentar-se a abstrações perigosas, porque essa questão é a negação da humanidade e da natureza. Os

socialistas se afastam desta armadilha idealista por entender que a história nada mais é que o ato de produção humanada por meio do trabalho executado pela humanidade. Não há necessidade de um devaneio que transfere a condição de existência humana individual para o gênero humano ou a natureza de modo a parecer razoável a existência de alguma divindade como solução à regressão ao infinito ou circularidade argumentativa, pois as lacunas do idealismo costumeiramente são preenchidas por entidades suprassensíveis ou outras fábulas.

O socialista não precisa da mediação de um Deus ou da negação de um Deus, ou seja, não há porque buscar a mediação da existência de Deus, quer seja de sua afirmação ou o ateísmo, as respostas corretas para as perguntas corretas estão na natureza e na humanidade, desde Feuerbach não faz mais sentido buscar respostas em entes supranaturais. Embora a consciência alienada não consiga identificar isso, trata a limitação individual como limitação do gênero humano e viabiliza questões com refúgios em Deus e outras fantasias. Ao mesmo tempo que Feuerbach não conseguiu identificar a alienação do trabalho como a primeira forma de alienação.

Se, no entanto, o centro de referência é a “alienação religiosa”, como no caso de Feuerbach, nada se segue dele em relação à alienação real, prática. Pois o “estranhamento religioso enquanto tal somente se manifesta na região da consciência do interior humano, mas o estranhamento econômico é o da vida efetiva – sua suprassunção abrange, por isso, ambos os lados”. Feuerbach queria atacar os problemas da alienação em termos da vida real (essa afinidade programática explica o apego de Marx a ele, numa certa fase de sua evolução), em oposição à solução hegeliana; mas, devido à abstração de seu ponto de vista: o “homem” idealizado (a “essência humana” tomada genericamente, e não como “conjunto das relações sociais”), sua posição continuou basicamente dualista, não oferecendo solução real para os problemas analisados. (MÉSZÁROS, 2006, p. 83).

Por mais bela que seja a missão que Feuerbach tomou para si, atribuir a consciência humana como fonte dos problemas e das soluções é não tocar no núcleo da questão. Sem a economia-política a crítica feuerbachiana careceu de materialidade, pois não conseguiu romper com o idealismo na sua teoria, não percebeu que a alienação religiosa é decorrente da alienação da atividade produtiva humana e dos seus produtos, antes de ser oprimido por Deus, o ser humano é oprimido pelo trabalho, na sociedade de classes, esta descoberta é uma das colaborações de Marx na sua crítica à religião, ao Estado e à sociedade dividida em classes.

4 IDEOLOGIA: MECANISMO DE CONTROLE DAS CONSCIÊNCIAS

O fato de estar imerso em uma análise mistificada da realidade impossibilita com que a burguesia tenha compreensão do que está ocorrendo, deste modo os fenômenos sociais que são taxados como frutos da racionalidade não estão sendo compreendidos, segundo Marx

A economia política que aceita as relações da propriedade privada como se fossem relações humanas e racionais move-se em uma constante contradição contra sua premissa fundamental, a propriedade privada, numa contradição análoga à do teólogo que interpreta constantemente as noções religiosas a partir de um ponto de vista humano e justamente através disso atenta sem cessar contra sua premissa fundamental, o caráter sobre-humano da religião. (MARX; ENGELS, 2011, p. 44).

As transformações sociais são profundamente contraditórias, pois os humanos desejam possuir o controle da economia e fazer racionalmente o desenvolvimento do modo de produção capitalista, mas esse controle não passa totalmente pelas mãos humanas, devido ao estranhamento do trabalho e à divisão da sociedade em classes, ao mesmo tempo que o religioso acredita estar agindo em nome de Deus, mas não está. A forma de organização social que divide as pessoas em classes impossibilita o pleno desenvolvimento das capacidades humanas de modo que acorrenta os indivíduos às diversas formas de alienação.

A humanidade criou uma prisão para si mesma, colocou tantos adornos que parece esquecer das grades. O cárcere que o ser humano imputou a si próprio está organizado de modo a deixar alguns confortáveis e outros em uma situação de maior incômodo, pois um grupo comanda a organização da cela e o outro está subordinado, ao mesmo tempo que o primeiro grupo desfruta de privilégios e regalias de forma exclusiva.

A classe possuinte e a classe do proletariado representam a mesma autoalienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem aprovada nessa autoalienação, sabe que a alienação é seu próprio poder e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade aniquilada nessa autoalienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana. Ela é, para fazer uso de uma expressão de Hegel, no interior da abjeção, a revolta contra essa abjeção, uma revolta que se vê impulsionada necessariamente pela contradição entre sua natureza humana e sua situação de vida, que é a negação franca e aberta, resoluto e ampla dessa mesma natureza.” (MARX; ENGELS, 2011, p. 48).

O grupo que monopoliza os prazeres no interior desta redoma deseja conservar a sua condição, enquanto seria fundamental à maioria, que só possui o fardo de ter que proporcionar conforto à minoria, se rebelar contra esta estrutura de organização e destruir todas as correntes e possibilidades de privações estabelecidas por uma sociedade alienada. A alienação impede de

visualizar as amarras que prendem as pessoas, tanto o grupo que está extasiado no seu conforto, quanto o grupo que se sente impotente diante da sua realidade mais adversa. A possibilidade de superação desta condição de estranhamentos é o impulso provocado pela revolta de não mais querer suportar o seu atual estado de sofrimento.

Uma das formas de fortalecer as grades que aprisionam a humanidade é distorcer a compreensão sobre sua história, desconectar os indivíduos da sua trajetória entorpecendo as análises e tratando a história como um ente independente.

Assim como os antigos teólogos estipularam que as plantas se encontravam na terra para servir de alimento aos animais, e os animais para servir de alimento ao homem, assim também a História existe para servir ao ato de consumo do alimento teórico, da demonstração. O Homem existe para que exista a História, e a História existe para que exista a demonstração da verdade. Sob essa forma trivializada criticamente se repete a sabedoria especulativa de que o homem e a História existem para que a verdade chegue à autoconsciência. A História torna-se, assim, uma persona à parte, um sujeito metafísico, do qual os indivíduos humanos reais não são mais do que simples suportes (MARX; ENGELS, 2011, p. 96-97).

Não compreender o seu passado é um mecanismo eficaz para contribuir com o entorpecimento das consciências e fragilização da resistência contra o controle de uma classe sobre a outra. Dessa forma, não se pode olhar a história como um ente autônomo e separado da humanidade, como se fosse um sujeito e portasse uma verdade. A obstrução ou distorção do conhecimento da realidade é um dos fatores que constrói esta sociedade marcada pelos grilhões, pois ninguém está livre do jugo de algo ou alguém.

No mundo moderno, todos são, a um só tempo, membros da escravidão e da comunidade. Precisamente a escravidão da sociedade burguesa é, em aparência, a maior liberdade, por ser a independência aparentemente perfeita do indivíduo, que toma o movimento desenfreado dos elementos estranhados de sua vida, já não mais vinculados pelos nexos gerais nem pelo homem, por exemplo, o movimento da propriedade, da indústria, da religião etc., por sua própria liberdade, quando na verdade é, muito antes, sua servidão e sua falta de humanidade completas e acabadas. O privilégio é substituído aqui pelo direito. (MARX; ENGELS, 2011, p. 135).

Uma sociedade capitalista é uma masmorra de servos, só que alguns possuem mais benefícios que outros, no sentido de que a burguesia não reconhece o seu estado de prisão, pois ao olhar para a maioria em uma condição mais restrita se sente em liberdade. As grandes limitações emancipatórias dentro do Estado burguês são evidentes, desde que se entenda a condição de alienação e a forma equivocada de análise da história.

O ser humano é formado pelas circunstâncias em que está inserido, pela sociedade que o gestou, desta forma o comportamento que o indivíduo vai desempenhar é o que será absorvido

por este, ou seja, segundo Marx e Engels (2011, p. 150), “se o homem é social por natureza, desenvolverá sua verdadeira natureza no seio da sociedade e somente ali, razão pela qual devemos medir o poder de sua natureza não através do poder do indivíduo concreto, mas sim através do poder da sociedade”. O ser humano não nasce predestinado a nada, não nasce bom ou mau, por exemplo; os valores e propriedades desenvolvidas pelo indivíduo são um reflexo das características que organizam a sociedade.

Não existem valores ou atributos inatos no ser humano, o ser humano se constrói em um processo dinâmico e coletivo. Não há um Deus que o cria, muito pelo contrário, partindo da compreensão de que o corpo antecede o trabalho, Marx e Engels apresentam três pilares que constituem a existência da espécie:

O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. [...] O segundo ponto é que a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico. [...] A terceira condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar – a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família” (MARX; ENGELS, 2007, p. 33).

O ser humano precisa produzir os meios para manutenção da sua vida, a satisfação das suas necessidades, após o momento em que estas sejam supridas, novas vão surgir. Garantindo que as necessidades foram atendidas, também é fundamental pensar na renovação da espécie, a procriação, a geração de crianças que irão renovar a espécie humana. Esses elementos não acontecem de forma isolada, são três momentos que coexistem em movimento. O método em que essas três condições são desenvolvidas varia de acordo com a forma como a sociedade se organiza, não existe uma forma única de colaboração entre os seres humanos, a sociedade escolhe como garantir que essas etapas sejam atendidas, são elementos naturais, mas que só podem ser desempenhados socialmente.

A tríade anteriormente mencionada só é possível graças à linguagem e à consciência, que segundo Marx e Engels (2007, p. 34-35) podem ser definidas como: “a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros com outros homens”. Portanto, a linguagem e a consciência são produtos sociais pertencentes à humanidade enquanto ela existir, desde o princípio.

A consciência é o movimento de interiorização do mundo que nos cerca, segundo Mauro Iasi (2011, p. 14), “a consciência seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada nesse momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção)”. A partir das relações que o indivíduo desenvolve a sua consciência será construída, desde o vínculo familiar, renovação da espécie, até o modo de produção em que está inserido, todos os elementos sociais e históricos determinam a construção da consciência.

O ser humano não escolhe o contexto em que virá ao mundo, ao nascer ele encontra um cenário que o precede, de modo a dar um novo sentido ao velho mundo, ou seja, segundo os autores d’A ideologia alemã, “a história nada mais é do que o suceder-se de gerações distintas, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores” (MARX; ENGELS, 2007, p. 40). Desta relação entre passado e presente, o futuro se abre, dito de outro modo, “por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições” (MARX; ENGELS, 2007, p. 40).

O materialismo de Marx e Engels não deixa espaço para alegorias de que Deus seria o criador dos seres humanos, a gênese da humanidade é a própria humanidade, o humano se deu vida por meio do trabalho. Desta forma, pode-se buscar diversos atributos para diferenciar um humano de qualquer outro animal, mas é o trabalho o elemento basilar do que define um ser humano. Segundo Marx e Engels (2007, p. 40), “pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal”.

A produção humana não é realizada do mesmo modo que nos outros animais, o trabalho precisa de algum uso mental prévio à sua execução, algum planejamento, enquanto os demais seres produzem a partir de seu instinto ou carência imediata. O trabalho não precisa estar vinculado a carências estabelecidas, ao mesmo tempo que pode criar novas necessidades, já que gera transformações na natureza e no ser humano. Enquanto uma abelha faz o mel que nasceu para fazer, o ser humano precisa refletir sobre o fim da sua ação e a forma de execução dessa ação.

O ser humano se autoproduz, ou seja, o único animal que tem capacidade de elaborar transformações em si e no mundo de forma intencional. Os autores d’A Ideologia Alemã nos apresentam uma concepção aberta de ser humano, pois os indivíduos podem escolher o que

querem ser e como serão, embora não tenham condição de deliberar as circunstâncias em que foram gerados ou estão inseridos.

Neste processo de estranhamento em que a sociedade está inserida, a disputa pelo conhecimento é algo fundamental, pois o erro de análise gera um erro na ação, a não compreensão da história implica em mais uma dificuldade na luta pela emancipação. O domínio da narrativa histórica a partir dos interesses da burguesia é mais uma das abstrações que se voltam contra os explorados.

Conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. Os dois lados não podem, no entanto, ser separados; enquanto existirem homens, história da natureza e história dos homens se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a assim chamada ciência natural, não nos diz respeito aqui; mas, quanto à história dos homens, será preciso examiná-la, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida dessa história ou a uma abstração total dela. A ideologia, ela mesma, é apenas um dos lados dessa história. (MARX; ENGELS, 2007, p. 86-87).

A história humana deve ser compreendida a partir dos modos de execução da manutenção da vida humana, da satisfação de suas necessidades e da renovação da espécie, não há espaços para produções idealistas se o objetivo é o entendimento sobre a realidade. A análise da dinâmica da realidade passa pela interpretação de como o ser humano modifica a natureza ao mesmo tempo que se modifica, a história não se trata de associações abstratas de intenções e justificativas.

A religião aparece aqui também como outra forma distorcida de compreensão da realidade, inclusive pelo fato de que, segundo os autores d'A ideologia alemã, os sacerdotes são os primeiros ideólogos (MARX; ENGELS, 2007, p. 35). A produção teológica cria diversas fantasias sobre a condição humana, o que acaba por distorcer o entendimento humano sobre sua própria história, mas o pior é que as ideias que podem de alguma forma manipular as consciências não se resumem à religião ou à história. De acordo com Marx e Engels,

as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideais das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideais de sua dominação. (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

A dominação não é somente da perspectiva material, pois esta se reflete nas ideias, ou seja, ao conseguir controlar a produção, distribuição e validação das ideias que devem ser tidas como melhores na sociedade, a burguesia cria marionetes ao mesmo tempo que invisibiliza as “cordas” que manipulam. Além das correntes materiais e cotidianas, por exemplo, com o trabalho, por meio da ideologia é possível também aprisionar as consciências dos indivíduos, sendo assim muito confortável conseguir estabelecer a conservação da sociedade como se queira.

A burguesia é dona dos meios de produção material e ideal da vida, podendo fazer com que as transformações de valores aconteçam partindo dos seus próprios interesses, assim o proletariado reproduzirá a conduta mais pertinente para que não aconteça nenhuma alteração na forma como a classe dominante é favorecida e a maioria é explorada. Mediante a divisão social do trabalho em classes sociais antagônicas foi possível criar o que parece a “gaiola perfeita”, pois até o sonho de liberdade está entorpecido no sentido de que o explorado deseja o conforto dos exploradores e não consegue em um primeiro momento enxergar uma possibilidade de destruição da jaula, tendo assim a plenitude da emancipação.

A alienação do trabalho e a sua divisão em classes viabilizam com a possibilidade de encobrir a real origem das ideias que reforçam os poderes e interesses da burguesia, pois se alguns se dedicam ao trabalho material e outros às ideias, ao mesmo tempo que os indivíduos não se reconhecem nos processos de produção e nos seus produtos, a camuflagem pode facilmente ser construída. Algumas das grades dessa gaiola são compostas pelas ilusões, fantasias e fábulas produzidas nesse processo de estranhamentos e ideologia.

A divisão do trabalho [...] se expressa também na classe dominante como divisão do trabalho entre trabalho espiritual e trabalho material, de maneira que, no interior dessa classe, uma parte aparece como os pensadores dessa classe, como seus ideólogos ativos, criadores de conceitos, que fazem da atividade de formação da ilusão dessa classe sobre si mesma o seu meio principal de subsistência, enquanto os outros se comportam diante dessas ideias e ilusões de forma mais passiva e receptiva, pois são, na realidade, os membros ativos dessa classe e tem menos tempo para formar ilusões e ideias sobre si próprios. (MARX; ENGELS, 2007, p. 47-48).

A alienação do trabalho, aliada à incompreensão da história e da dinâmica de transformação da sociedade ao longo da história, favorece com que as ideias apareçam como autônomas, mais racionais e podendo ser estabelecidas como universais. As classes que estão disputando a hegemonia social precisam aparentar que seus interesses não estão conectados diretamente com as ideias que mais lhes favorecem, sendo assim as ideias precisam aparentar ter uma vida própria; serem “apartidárias”, não estando explicitamente vinculadas àquela classe

social que se pretende dominante; assim como abrangerem todos os membros da sociedade, se colocando como universais, mesmo sendo particulares. Estas independência, neutralidade e abrangência são três elementos fundamentais para que as ideias que compõem a ideologia burguesa criem raízes na sociedade e penetrem a consciência da classe trabalhadora.

O Estado é um solo fértil para produção da ideologia, pois a sua existência desde o princípio é posta para favorecer uma classe em detrimento das demais. Segundo os autores d'A ideologia alemã, "o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época, segue-se que todas as instituições coletivas são medidas pelo Estado, adquirem por meio dele forma política" (MARX; ENGELS, 2007, p. 47-48). As instituições vigentes na sociedade burguesa são instrumentos de produção e circulação de ideias que favorecem a conservação social.

Se tomarmos a religião como exemplo, a produção de ideias sobre Deus não vai fazer com que as pessoas se indignem com o atual modo de organização social e se revoltem, majoritariamente se buscará uma afinidade entre a burguesia e a teologia para ser mais um reforço que justifica e defende a conservação social. Deus será manobrado de todas as formas possíveis pelos sacerdotes e demais produtores de ideias religiosas para que revoluções não sejam promovidas.

Ainda dentro da religião, pode-se perceber que usar a ideia de Deus como um recurso pode servir para ocultar as bases históricas e reais de um determinado evento. Ao recorrer a algum Deus, a resposta correta parece ter sido nada e não há mais porque aprofundar as análises, já que este seria um ser maior que a humanidade e preencheria a lacuna da dúvida.

Assim como é possível usar a ideia de Deus como uma ferramenta de inversão da realidade, se é vontade de Deus ou foi Deus que fez ou quis, as respostas corretas continuam aparentemente sendo dadas. Deus aparece assim como alguém que retira o poder humano de se autoconstruir ou ainda de resolver os seus próprios problemas, pois os seres humanos olham para os céus e se perdem do caminho em que a humanidade é a portadora das respostas que estão sendo buscadas.

Deus como recurso ideológico também serve para naturalizar fenômenos que não são naturais, ou seja, algo que é produzido socialmente e pode ser mapeado, da origem às transformações, caso seja conveniente à burguesia, passará a ser tido como natural, inevitável e de estabilidade inabalável. Por exemplo, as ideias de definição da natureza humana como sendo dada por Deus ou da naturalidade da propriedade privada podem ser usadas como recursos para defender a atual forma de organização social, visto que algo é natural, logo não pode ser superado, qualquer tentativa de desconstrução deste fenômeno inevitavelmente

fracassaria. A religião distanciada desta compreensão materialista da realidade humana aparece como algo autônomo e neutro, mas não passa de mais um dos mecanismos burgueses para preservação das classes sociais. Neste sentido, os teólogos, ideólogos de Deus, estão com um olho na satisfação da classe dominante e o outro nas fantasias que produzem.

Partindo dos processos desempenhados pela ideologia e alienação, é nítido que os seres humanos se constroem ao mesmo tempo que produzem as suas representações, distorcidas ou reais, é a própria atividade humana que o aprisiona ou o emancipa. Para Marx e Engels (2007, p. 94), “se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida físico”.

A ideologia mistifica a realidade e produz ilusões que manipulam os indivíduos, inclusive atribuindo uma sobreposição da mente, como se a consciência não fosse uma produção das relações sociais. Os autores de A ideologia alemã alertam que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). A forma como os indivíduos pensam é determinada pelas circunstâncias em que estão inseridos.

Em síntese, a ideologia consiste na “acumulação fantástica de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambiguidades, de equívocos e de mal-entendidos” (LÖWY, 2015, p. 17). É um conceito negativo e depreciativo que explica como a consciência deforma a compreensão da realidade. A ideologia é uma ferramenta que pré-determina a interpretação que será feita do contexto social em que se está inserida, processo que ocorre fruto da separação entre a produção de ideias das condições sociais e históricas em que se vive, de modo a parecer algo confortável de aceitar. De acordo com Mészáros,

o que nos interessa diretamente é o papel específico da ideologia nesse processo de ajustamentos estruturais, pois a reprodução bem-sucedida das condições de dominação não pode ocorrer sem a intervenção ativa de fatores ideológicos poderosos, do lado da manutenção da ordem vigente.

É claro que a ideologia dominante tem interesse patente na preservação do status quo, no qual mesmo as desigualdades mais clamorosas estão “estruturalmente”, entrincheiradas e protegidas. Portanto, ela pode se permitir ser “consensual”, “orgânica”, “participativa” e assim por diante, reivindicando, desse modo, também a racionalidade auto-evidente da “moderação”, “objetividade” e neutralidade ideológicas (dominantes). (MÉSZÁROS, 2008, p. 7).

Por mais palatável que possam parecer as ideias que a classe dominante busca impor, não deixam de ser um recurso para manutenção da organização social por meio do ocultamento da origem dessas ideias, da necessidade de que ela seja aceita universalmente, ao mesmo tempo

que precisa parecer como independente da luta de classes e a via mais racional possível. Essas características visam tornar a ideologia algo comum e natural, a religião pode servir como um poderoso instrumento neste processo, assim como a escola e a mídia.

Neste cenário de luta de classes, algumas pessoas, os ideólogos, que são uma fração das camadas dominantes, se dedicam a pensar estas abstrações desconectadas da materialidade e da história. Produzem alucinações particulares das camadas dominantes que serão socializadas e introduzidas aos costumes, de modo que as ideias aparecem como sendo independentes e contra a vontade dos produtores.

A religião é uma ideologia porque consiste na produção de um conjunto de ideias que não existem, ou seja, não passa de uma construção imaginária da mente, por exemplo, a ideia de que o ser humano não é fruto do trabalho. Mas tudo que chamamos de realidade tem sua origem em um espírito perfeito e de poder infinito, quando se é claro que pensar um Deus é fundamental para aceitar esta condição de caos, sofrimento e miséria que é a sociedade capitalista. Por meio da religião há uma substituição do mundo por outro mundo, só que fantasioso, ou seja, a religião promove a inversão da realidade, trocando o que é verídico pelo que é ficção, de modo a facilitar o controle de uma classe sobre as outras.

Esta barreira que impossibilita o entendimento do real é viabilizada pela alienação do trabalho, de modo que o ser humano está quebrado e perdido, tanto olhando a matéria ou refletindo suas ideias, só se depara com falsidades que o acorrentam. Segundo Konder (2002, p. 31), “a ideia de uma construção teórica distorcida, porém ligada a uma situação histórica ensejadora de distorção, é, no pensamento de Marx, desde o primeiro momento da sua articulação original, uma ideia que vincula a ideologia à alienação”. A materialidade do mundo não é estabelecida só pela relação com os objetos, mas também com a expressão idealizada dessas relações sociais, o concreto é a junção da matéria com as ideias. Assim sendo, a alienação e a ideologia são eficazes, ao mesmo tempo que negativas, na execução do objetivo burguês de controle social e conservação de privilégios.

A partir dos ocultamentos e estranhamentos que são desvelados por Marx e Engels na produção das categorias de alienação e ideologia, eles apresentam a complexa dinâmica da sociedade dividida em classes no modo de produção capitalista, pois ao mesmo tempo que a burguesia se coloca como ventríloqua do proletariado, impondo uma lógica alienada de trabalho e uma distorção da consciência, a burguesia é marionete, só que devido ao conforto em que se encontra não percebe que também está sendo afetada pela divisão do trabalho em classes e pela propriedade privada, assim como está sob o domínio do proletariado a possibilidade genuína de uma emancipação humana plena.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica feuerbachiana é um grande alerta para que Marx compreenda a necessidade de voltar-se para o ser humano e as opressões que o acometem, ou seja, a crítica à alienação religiosa escrita por Feuerbach é uma influência na perspectiva humanista da produção teórica de Marx. Esta primeira crítica à religião prova que o ser humano pode se tornar refém de si mesmo, caso não compreenda o poder que tem nas mãos enquanto espécie.

Sendo o ser humano o Deus de si mesmo, é importante afastar-se de qualquer tentativa de interferência da relação do indivíduo com o seu gênero, não há porque contemplar seres inexistentes como Deus. Feuerbach deixa a sua colaboração à filosofia ao explicar a conduta teológica que se apropria da produção antropológica para poder conseguir prolongar a prática da alienação religiosa, mesmo tendo uma limitação ao não conseguir ver que existem mais possibilidades de alienação, ou seja, atacar somente a alienação que é fruto da religião é tomar uma parte como totalidade, a religião se reproduz em uma base social organizada a partir da alienação do trabalho, da divisão do trabalho em classes sociais antagônicas e na propriedade privada.

Marx traça um longo caminho conceitual até o amadurecimento da sua compreensão sobre as correntes que sufocam a classe trabalhadora. Após um breve momento de abstração do seu ateísmo, este pensador alemão percebe que as suas reflexões não podem estar distantes da vida dos seres humanos e se dedica a uma jornada pela liberdade ao tentar entender quais são os instrumentos burgueses de cárcere.

Nesse trajeto, Deus aparece como um meio para exercitar o controle dos trabalhadores explorados, mas este ente fruto da imaginação não estaria alheio à conjuntura política em que as pessoas estavam inseridas, ou seja, existe uma influência religiosa na política, mas só com uma crítica política seria possível resolver ambos os problemas, tanto os da religião, como os do Estado burguês.

Deste modo, Deus é só uma distração e um fantoche para os interesses políticos da classe dominante. A teologia aparece assim como um anestésico e calmante para que os trabalhadores não estejam vinculados às lutas políticas ou ainda como incapazes de construir uma alternativa social que supere as mazelas sociais em que vivem.

Por mais que o Estado seja laico e garanta direitos individuais, ainda assim seria muito pouco, como se o ser humano fosse um pássaro conformado com uma gaiola maior, como se não tivesse asas que o permitam viajar pelo mundo. A busca política apontada por Marx é por uma condição total de liberdade, pois a burguesia pode até se autorrotular como iluminada e

racional, mas essas luzes promovem cegueira e não discernimento. A burguesia discursiva afirmando que o Estado garante liberdades, mas o que se oferta verdadeiramente são grilhões, a alienação e a ideologia impossibilitam que o ser humano consiga se encontrar e desfrutar da liberdade.

Partindo da construção teórica do jovem Marx, principalmente das categorias de alienação e ideologia, fica muito claro que o perfil de uma sociedade depende da forma como ela foi construída, assim como para que a emancipação seja realmente efetivada se faz necessário que os trabalhadores se movam como protagonistas da construção desta emancipação. Não se pode plantar exploração, mistificação e sofrimento para colher liberdade e satisfação. A burguesia sobrevive por meio da infelicidade dos trabalhadores que explora, ao mesmo tempo que afirma que não há como pensar uma forma de organização social mais completa e feliz do que o modo de produção capitalista.

Só um ato livre pode construir uma sociedade verdadeiramente livre e democrática, uma sociedade que nasce devido ao interesse de uma classe em dominar as demais desde o princípio não terá condição de estabelecer emancipação. Marx retirou os enfeites metafísicos da realidade para que quando a insatisfação tome conta das consciências dos trabalhadores, estes possam recorrer à sua própria classe como alternativa e não a fábulas. Que a exploração burguesa pudesse impulsionar os trabalhadores pela luta por liberdade.

Não há caridade de Deus ou das classes dominantes, a emancipação humana e uma nova forma de sociabilidade dependem de uma atitude por parte da classe trabalhadora que é explorada e enganada pelos artifícios da alienação e ideologia. Estas duas categorias são armas poderosas que impossibilitam o ser humano de desenvolver a sua própria essência.

Restringindo-se à religião, Marx identifica como o pensamento mágico produzido por ela é uma possibilidade eficaz de justificação da organização social burguesa, pois tira a autonomia e forma dos seres humanos e coloca como atributo divino. O ser humano que está apegado à perspectiva religiosa inevitavelmente está despersonalizado, pois a sua ação na história não depende só de si mesmo ou do seu gênero humano, mas há um ser transcendente que também pode promover alterações positivas ou negativas na realidade.

Ao mesmo tempo que Marx compreendeu que não se pode focar somente na religião para fazer a crítica, pois ela funciona como sintoma ou expressão de uma realidade mais ampla, que na sociedade capitalista reside na alienação do trabalho e na ideologia. Assim sendo, a religião é uma caixa de ressonância dos interesses da burguesia, porque opera a partir de uma sociedade marcada pela mistificação da realidade.

REFERÊNCIAS

CARCANHOLO, Reinaldo. Capital: essência e aparência. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CHAUI, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DUARTE, Newton. (org.). Crítica ao fetichismo da individualidade. Campinas: Autores Associados, 2004.

DUMÉNIL, Gérard; LÖWY, Michael; RENAULT, Emmanuel. Ler Marx. São Paulo: UNESP, 2011.

FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Petrópolis: Vozes, 2013.

FEUERBACH, Ludwig. Preleções sobre a essência da religião. Campinas: Papirus, 1989.

FLICKINGER, Hans-Georg. Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social. Porto Alegre: L&PM, 1986.

HEINE, Heinrich. História da religião e da filosofia na Alemanha e outros escritos. São Paulo: Madras, 2010.

HINKELAMMERT, Franz. A maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso. São Paulo: Paulus, 2012.

IASI, Mauro Luis. Ensaio sobre consciência e emancipação. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KONDER, Leandro. Marxismo e alienação: Contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

LÖWY, Michael. Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2015.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. Sobre a questão judaica. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A sagrada família, ou, A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Obras Escolhidas: Volume 3. Rio de Janeiro: Vitória, 1963.

MÉSZÁROS, István. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, István. Filosofia, ideologia e ciência social. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOURA, Mauro Castelo Branco de. Os mercadores, o templo e a filosofia: Marx e a religiosidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NETTO, José Paulo. Capitalismo e reificação. São Paulo: ICP, 2015.

NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NORONHA, Vitor César Zille. Da crítica à religião à teoria do fetichismo em Marx. Disponível em:
<http://repositorio.ufes.br/handle/10/9370>. Acesso em: 10 ago. 2020.

REDYSON, Deyve. Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: A religião e o materialismo antropológico dialético. Argumentos: Revista de Filosofia, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 07-13, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Ludovico. A mais-valia ideológica. Florianópolis: Insular, 2013.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

SOUZA, José Crisóstomo. Ascensão e queda do sujeito no movimento jovem hegeliano (Hegel, Strauss, Bauer, Feuerbach, Stirner, Marx). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

SOUZA, Paulo Eduardo de. Para uma Crítica da Religião em Marx (1843-1844). Disponível em: http://bdt.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_7e34f6eedc2f21397b7f17617fee002d. Acesso em: 5 jul. 2020.

SILVA, Romero Júnior Venâncio. A crítica da religião em Marx: 1840-1846. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5681/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

SUNG, Jung Mo. Se Deus existe, por que há pobreza?. São Paulo: Reflexão, 2008.

TOMASONI, Francesco. Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo. São Paulo: Loyola, 2015.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Antropologia filosófica I. São Paulo: Loyola, 1991.

VIERA, Júlia Lemos. Caminhos da liberdade no jovem Marx: da emancipação política à emancipação social. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2017.